TÂNIA LIMA - IZABEL NASCIMENTO
ORGS.

ESTÓRIAS AO REDOR DO FOGO

editora
CAULE DE PAPIRO®

ESTÓRIAS AO REDOR DO FOGO

coleção Griots

Conselho Científico

Alberto Mathe (Moçambique)
Anória Oliveira (UNEB)
Assunção Sousa (UESPI)
Carlos Subuhana (Moçambique)
Carmen Tindó (UFRJ)
Enilce Albergaria (Toulouse)
Fátima Souza (UEA)
Francois Weigel (UFRJ)
Francy Silva (UFPB)
Hebe Macedo (UFC)
Iris Amâncio (UFF)
Lisabete Coradini UFRN)
Luis Tomás Domingos (Moçambique)
Márcio Barbosa (UFRN)
Maria Valdenia da Silva (UECE)
Marta Aparecida Gonçalves (UFRN)
Nilma Lino Gomes (UFMG)
Renata Rolon (UEA)
Roland Walter (UFPE)
Rosanne Bezerra (UFRN)
Stelio Torquato (UFC)
Terezinha Taborda Moreira (PUC Minas)
Vanessa Teixeira (UFRJ)
William Ferreira (Guiné- Bissau)

Tânia Lima
Izabel Nascimento
(orgs.)

ESTÓRIAS AO REDOR DO FOGO

coleção Griots

editora CAULE DE PAPIRO®
Natal, 2023

editora CAULE DE PAPIRO®

©2023. Tânia Lima e Izabel Nascimento. Reservam-se os direitos e responsabilidades do conteúdo desta edição as autoras. A reprodução de pequenos trechos desta publicação pode ser realizada por qualquer meio, sem a prévia autorização da autora, desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei n. 9610/1998) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Editora	*Rejane Andréa Matias A. Bay*
Revisão	*Os autores*
Imagem da Capa	*"Omolu"- em óleo sobre tela - de Tânia Lima*
Capa	*Jean Marcel*
Projeto Gráfico e Diagramação	*Caule de Papiro*

coleção Griots

Catalogação da Publicação na Fonte.
Bibliotecária/Documentarista:
Rosa Milena dos Santos - CRB 15/847

L732d Lima, Tânia.

Estórias ao redor do fogo [recurso eletrônico] / Tânia Lima; Izabel Nascimento (Orgs.). – Natal: Caule de Papiro, 2023.

158 p. : il.

ISBN 978-65-5477-017-0 (LIVRO VIRTUAL)

1. Crônicas. 2. Arte de contar histórias. 3. Contadores de histórias. 4. Relato – Histórias de vida. I. Nascimento, Izabel. II. Título.

CDU: 82-94

Caule de Papiro gráfica e editora
Rua Serra do Mel, 7989, Cidade Satélite
Pitimbu | 59.068-170 | Natal/RN | Brasil
Telefone: 84 3218 4626
www.cauledepapiro.com.br

Dedicamos estas estórias ao escritor Carlos Emílio Correa Lima e Jurema Oliveira que partiram antes de ver este livro nascer.

do lado do fogão de lenha

de vovó
tem uma janela
dum entardecer silencioso
e cheio de saber
dela

na salinha de água
de vovó
tem uma janela
moringas porrões
dois filtros de barro
que ensinam a arte
da espera

CALILA DAS MERCÊS

Sumário

Apresentação **10**
Tânia Lima e Fátima Costa

Casos de Glória: histórias de coragem e de luta .. 14
Nilma Lino Gomes
Maria da Glória Lino Gomes

Do valor da palavra 59
Pingréwaoga Béma Abdoul Hadi Savadogo

Gozinho! 63
Lepê Correia

Sísifo, o etc... 68
Dionisio Bahule

Palácio dos negros 82
Tânia Lima

O macaco e a onça 86
Elio Ferreira

O luar dos sonhos 93
Cremildo Bahule

Seu Quilombino 106
Anelito de Oliveira

Nyamatanha 109
Tsumbe Maria

Frutos Estranhos 111
Livia Natália

O gigante camalaô 117
Carlos Emílio Corrêa Lima

Almoço em família.....124
Jurema Oliveira

Tutano de boi.....127
Itamara Almeida

O sangue de papai verde 131
Paula Tavares

Desvão.....137
Maria de Fátima Batista Costa

Fuga.....141
Zuleide Duarte

Memórias Escritas 143
Janaina Ferreira

POSFÁCIO.....151
João Paulo Pinto Có

Apresentação

Estórias ao Redor do Fogo

Tânia Lima e Fátima Costa

Este livro de *estórias ao redor do fogo* é um varal de memórias sobre o quente cotidiano vivido e abandonado, histórias da humana vida que se movimenta no antes da intenção do dizer, histórias que por pouco não submergem no escuro do esquecimento. Escrever talvez seja um modo de não morrer, de não se deixar morrer através das palavras, da narra-ção. As histórias inauguram mundos na transcri-ação de nosso eu-imaginário. Por isso, escrever seja um canto, uma dança, uma pintura, uma película sustentada sobre o nada. Na dança de quem conta, a estória é narrada para acontecer num 'tempo sem data'. No caminho do advento do homem que se conta na história, as mulheres costuraram o nascimento dos primeiros sons das crianças, dos primeiros grunhidos, das primeiras sílabas, com os fios da escuta de um tempo antigo que rega a existência.

No chão do cultivo, cresce a fala, a linguagem, o ato de narrar, de seduzir pela palavra, cresce a memória que amplia a vida e garante a permanência, cresce a placenta que faz nascer o filho, a planta que faz nascer a flor, as canções ao redor das fogueiras estrelares que alimentam o imaginário e mantém a chama da vida.

Contar ao redor do fogo nasce com a necessidade de se proteger com a coletividade, se proteger dos perigos da natureza, do abismo do desconhecido, do escuro de si mesmo. A rememoração, num ato coletivo ao redor do fogo, permite o pertencimento ao mundo pelo som, pelo calor do fogo, pelo olhar do outro que brilha, iluminado pela chama, e sílaba a sílaba vai fazendo casa em cada um que escuta e conta.

Quem se debruça sobre a memória da contação é um "cascavinhador" de ancestralidade, narra sempre algum tipo de dor. A memória é condição do dizer no silêncio do cosmo. A memória da primeira voz apenas imaginada é feita de rotas fragmentadas de raízes aéreas na casa do inconsciente coletivo.

Estórias ao redor do fogo fala da casa como arquétipo de um lugar precioso onde a intuição arquetípica socorre do caos o inconsciente coletivo. Ao redor do fogo, a voz da coletividade nasce e morre em labirintos, tecendo fios de uma solidão sem nome. A arte de contar é solidão localizada, uma vez que salva a beleza do que foi sentenciado ao desaparecimento.

No legado da tradição viva dos antigos Griots, este livro de contadores nasce da fagulha de várias estórias,

em temporalidades diferentes, e ao som de batuques e atabaques convida-nos a pensar, porque faz da melodia o falar do som, partitura de vozes atrás da dimensão do pensamento. A voz de um contador expressa seu antevir, a ancestralidade daqueles que vieram antes e que ainda se fazem presentes na memória reagente a cada batida de tambor. O ato de contar estórias é uma espécie de chamado que convoca o leitor a se juntar à estória (re) vivida.

Ao voltar-se para a contação de memórias antigas, o livro *estórias ao redor do fogo* traduz um apanhado cultural de alguns contadores do Brasil e de Áfricas. Constitui um mosaico de páginas aonde acampam falas inacabadas de múltiplas oralidades. Numa tessitura de vozes que acompanha a teia da vida, cada contador(a) repertoria o que está dito na infinita aventura humana. Tanto na cultura brasileira quanto na cultura africana, o local tem uma especificidade de uma memória individual que carrega nas escrituras coletivas um já dito. Aquela pessoa que reconta recebe o olhar do tempo no ritual da voz contadeira. Em todos as épocas, o que se reconta na travessia de uma simples estória é o simbolismo da linguagem humana.

Na teia das contações de histórias, modifica-se a própria concepção cultural do verbo entre o eu e o outro, entre o devir e a totalidade-mundo. As estórias deste livro passam a compor breves narrativas memorialísticas que repensam as camadas mais fragilizadas da sociedade. Em nome de uma tradição esquecida ou silenciada, a

voz carrega uma memória que reencena esperança em meio às intempéries da existência.

Perto do fogo das palavras, a escritura que habita o som nomeia os percalços da vida no entremeio dos causos poéticos. E se quem conta seus males espanta, quem canta seus mares encanta, sentir sinta quem lê: Ana Paula Tavares (Angola), Anelito de Oliveira (MG), Carlos Emílio Corrêa Lima (CE), Cremildo Bahule (Moçambique), Dionisio Bahule (Moçambique), Elio Ferreira (PI), Fátima Costa (PB), Itamara Almeida (RN), João Paulo Pinto Có (Guiné-Bissau), Jurema Oliveira (RJ), Lepê Correia (PE), Livia Natália (BA), Maria da Glória Lino Gomes (MG), Nilma Lino Gomes (MG.), Pingréwaoga Béma Abdoul Hadi Savadogo (Burkina Faso),Tânia Lima (MA), Tsumbe Maria (Moçambique), Zuleide Duarte (PE).

Casos de Glória:

histórias de coragem e de luta[1]

Nilma Lino Gomes[2]

Maria da Glória Lino Gomes[3]

Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil

Todos nós, da família Lino Gomes, amamos ouvir as histórias da minha mãe. Elas fazem parte dos causos "das" Minas Gerais. São também os causos que fazem parte da história de vida da senhora Maria da Glória, minha querida mãe.

---

1 O convite de Tânia Lima para publicar um artigo no livro *Estórias ao redor do Fogo*, organizado por Tânia Lima e Izabel Nascimento, foi tão potente que dele se originou o livro *Casos de Glória*: *histórias de amor de coragem*, de 2022, da Resgate Editora. Trata-se de republicação do artigo com alguns poucos acréscimos. O livro foi lançado por mim e pela minha mãe, Maria da Glória Lino Gomes, no dia 19 de agosto (um dia antes do seu aniversário de 94 anos), na Livraria Quixote, em Belo Horizonte, Minas Gerais, juntamente com o livro compilado pelo querido amigo e antropólogo Alex Ratts, *O negro visto por ele mesmo*, de Beatriz Nascimento. Foi uma manhã de festa, memória, confraternização, amor e alegria. É urgente honrar nossas mais velhas, zelar pela sua memória e promover o contato intergeracional. Agradeço a todas as pessoas que tornaram essa realização possível.

2 Filha caçula de quatros irmãos de Maria da Glória Lino Gomes e João Jarbas Gomes (*in memoriam*). Professora titular emérita da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Integra o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação (FaE/UFMG). Bolsista de produtividade científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

3 Filha de Elisa Antônia da Silva e Francisco Lino. Mãe orgulhosa de quatro filhos: Normélia Lino Gomes, Jarbas Lino Gomes, João Carlos Lino Gomes e Nilma Lino Gomes. Com exceção da caçula, nascida em Belo Horizonte, todos os outros nasceram em Ponte Nova – MG. Foi bordadeira e com essa profissão criou a família. Viúva muito cedo, hoje, vive para curtir muito bem a sua velhice, aos 92 anos.

Desde criança, as histórias que eu mais gostava de escutar eram aquelas que se referiam às aventuras do meu corajoso bisavô: Franciso Domingos. Entre elas, a que mais me impressionava era do seu encontro com o lendário Barba Vermelho, um homem considerado um bandido, lá pelas bandas da Zona da Mata mineira, no interior das Minas Gerais profundas.

Apresento, aqui, em parceria com a minha mãe, essa história de coragem e de aventura recolhida durante várias tardes de isolamento social, nos anos de 2020 e 2021, nas quais nós duas nos resguardávamos, dentro do meu apartamento, em função do agravamento da pandemia provocada pela covid-19. Um triste quadro nacional de desgoverno, de crise sanitária, política, econômica e de insensibilidade humana que provocou mais de meio milhão de mortes.

Quero ainda fazer uma coletânea com os causos contados pela minha mãe. Mas, enquanto isso não acontece, as leitoras e os leitores deste texto poderão saborear as aventuras de uma família negra mineira. Um relato repleto de reconhecimento e respeito à minha ancestralidade afro-mineira que me foi ensinada desde criança por meio da minha mãe, com sua forma corajosa e, ao mesmo tempo, alegre de viver e com sua memória maravilhosa. Uma mãe/amiga que eu amo.

O amor nos encoraja

Nos idos de 1800, ainda durante o regime da escravidão, no interior das Minas Gerais, na região do distrito de Chopotó, na Zona da Mata Mineira, viveu um homem destemido chamado Francisco Domingos da Silva. Diz a minha mãe, Maria da Glória, que a sua avó contava que ele era um homem bonito, uma mistura de índio com negro, pele escura e com os cabelos anelados.

Embora os causos da minha mãe não façam referências explícitas às vivências dos nossos antepassados e ao tempo da escravidão, as aventuras de Francisco, narradas de bisavó para avó e de mãe para filha, revelam que ele era um homem negro e livre, que viveu na época da escravidão. Certamente, ele era um dos frutos da Lei do Ventre Livre, de 1871, e da presença da resistência quilombola, na minha família, cuja maioria está radicada na cidade de Ponte Nova – MG, na Zona da Mata mineira.

A região da Zona da Mata mineira abriga várias comunidades quilombolas, as quais, na sua configuração inicial, nem sempre eram fechadas em si mesmas, sem contato direto com outras comunidades da região, mas abertas para a articulação com outros grupos sociais. Muitas vezes as pessoas negras continuavam sendo vítimas de exploração por parte de fazendeiros, principalmente quando pertenciam a comunidades que não surgiram de

rebeliões nas senzalas, mas de algum tipo de pacto que pareceu existir entre senhores e ex-escravizados.[4]

Algumas comunidades quilombolas, no Brasil, tiveram sua origem em terras doadas pelos senhores de africanos escravizados, pela compra da alforria pelos próprios escravizados e escravizadas e posterior aquisição de suas terras, bem como pela ocupação de terras em lugares recônditos, formando verdadeiras fortalezas, compostas por africanos e africanas escravizados fugitivos, libertos, indígenas e pessoas brancas pobres, como foi o caso do Quilombo de Palmares, em Alagoas.[5]

Francisco Domingos da Silva é meu bisavô materno, marido de Ilídia Maria do Espírito Santo, minha bisavó materna. Logo, ele era avô da minha mãe, Maria da Glória Lino Gomes.

Minha mãe é filha de Elisa Antônia da Silva e de Francisco Lino (Chico Lino). Lembro-me muito bem da minha avó materna: uma mulher negra, linda, inteligente, elegante, corajosa e inspiradora. Foi uma das trabalhadoras das fazendas da Zona da Mata Mineira, no interior de Minas Gerais. Era excelente lavadeira, cozinheira, parteira e tinha a sabedoria sobre o uso das ervas e dos chás.

---

4 A Lei do Ventre Livre (Lei nº 2.040, de 28 de setembro de 1871) foi assinada pela Princesa Isabel e promulgada em 28 de setembro de 1871, considerando livre todos os filhos de mulheres escravizadas nascidos a partir de então.

5 Ver: SILVA, Djalma Antonio da. **A caminhada dos quilombolas e a formação do quilombo urbano**. 2005. 432 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

Frequentou a escola rural da região e sabia ler, escrever e contar.[6]

Meu avô, Francisco Lino (Chico Lino), era considerado um dos melhores carpinteiros da região. Era um homem negro de pele bem escura. Era metódico, muito inteligente e frequentou a escola rural, sabendo ler, escrever e contar.

Segundo a tradição da época, a minha mãe deveria se chamar Maria Bernarda, em homenagem ao dia da morte de São Bernardo, um dos santos cultuados pela Igreja Católica. No entanto, por sorte sua (na opinião dela), a mulher que foi escolhida para ser sua madrinha disse:

– Eu acho tão bonito o nome Maria da Glória! Coloca esse nome na minha afilhada, Elisa!

Pedido feito, pedido aceito. A quarta filha do casal Elisa Antônia e Chico Lino recebeu esse nome, do qual a minha mãe tem orgulho e prefere ser chamada de Glória ou D. Glória.

Minha mãe nasceu em 20 de agosto de 1929, na Fazenda das Canoas, em Chopotó. Entretanto, no seu registro, consta Ponte Nova, como nos da maioria das pessoas que nasciam na roça, próximas às imediações dessa cidade. No seu registro de nascimento, segundo ela, a data está errada: 9 de agosto. Portanto, apesar de na identidade e em todos os documentos oficiais constarem esse dia, ela sempre comemorou o seu aniversário no dia

---

6 De acordo com o registro de nascimento, minha avó materna, Elisa Antônia da Silva, tinha como avós paternos: Francisco Pereira e Senhorinha Felix e maternos: Antonio Barbosa e Maria Germana. Suas histórias estão em aberto. Ainda irei descobrir.

20 de agosto, pois esse é o dia que a minha avó comemorava o seu nascimento. Minha mãe é uma autêntica leonina.

Quando solteira o sobrenome da minha mãe era Lino da Silva, mas, após o seu casamento com João Jarbas Gomes (*in memoriam*), meu pai, um homem negro, ferroviário da antiga Central do Brasil, ela passou a assinar o sobrenome do marido, como recomendava a lei da época.

João Jarbas Gomes, meu pai, nasceu no dia 22 de maio de 1922, no arraial de Barro Branco, mas também foi registrado como natural de Ponte Nova. Dos meus antepassados paternos pouco sei. Falta vasculhar os arquivos para tentar descobrir, pois não tenho mais avô, avó e nem tios paternos. Esse é um dos motivos pelos quais busco retomar os causos da minha mãe, pois também já não tenho mais avô, avó, tios e tias maternos. É importante registrarmos as memórias negras e familiares. É uma forma de resistência ao apagamento ancestral que a escravidão nos legou e que o racismo continua a nos oprimir.

A minha avó Elisa, nasceu em uma fazenda perto do distrito de Chopotó, em Minas Gerais, no dia 13 de junho de 1894, seis anos após a abolição da escravatura. No seu registro de nascimento, tirado depois de adulta, consta a cidade de Ponte Nova, Minas Gerais, local onde ela se radicou com os seus seis filhos, anos depois da viuvez.

Podemos intuir vários motivos desse tipo de registro que omitia os lugares recônditos onde os descendentes de africanos escravizados nasciam em nosso país, mas quero destacar, aqui, o fato de que essa situação

dificulta ainda mais a construção de uma genealogia das famílias pobres no Brasil, principalmente as negras, cujo passado inexoravelmente está ligado ao período nefasto da escravidão.

Minha avó era chamada por todos e todas para curar doenças e encaminhar por escrito informações sobre o estado de saúde das pessoas doentes para o único farmacêutico prático, morador de Pontal, que atendia a toda aquela região andando de fazenda em fazenda.

Ela se casou aos 16 anos com Francisco Lino (Chico Lino). Segundo a minha mãe, meu avô nasceu em uma região chamada Quilombo, perto de Chopotó. Quando se casou com Elisa, Chico Lino tinha 33 anos.

Elisa Antônia e Chico Lino tiveram cinco filhos: Zulmira[7], José[8], Raimundo[9], Maria da Glória e Maximiano[10]. De todos, somente minha mãe ainda vive e completou 92 anos em 2021. Meus tios e minhas tias deixaram uma geração de filhos e filhas. Tenho, portanto, muitos primos e primas, de vários graus, espalhados por Ponte Nova e Belo Horizonte, em Minas Gerais, e no Rio de Janeiro.

---

7 Minha tia Zulmira Lino da Silva (*in memoriam*) se casou com Vicente Cordeiro (*in memoriam*) e tiveram cinco filhos: Pompeia, José Elísio, Geraldo, Ilídia e Haroldo.

8 Meu tio José Lino da Silva (*in memoriam*) se casou com Irene Ferreira Gomes (*in memoriam*) e tiveram nove filhos: José Lino, Aparecida, Paulo, Rogério, Valério, Ana Elisa, Haroldo, Valdete e Valter.

9 Meu tio Raimundo Lino da Silva (*in memoriam*) se casou com Célia Maria Quintino (*in memoriam*) e teve um relacionamento com Ana Maria dos Prazeres. Ao todo ele teve oito filhos: Dalva, Wilson, Raimundo e Carlos; posteriormente: Iara, William, Fátima e Robson.

10 Meu tio Maximiano Lino da Silva (*in memoriam*) morreu ainda jovem e não teve filhos e nem filhas.

Depois de viúva, minha avó materna se mudou para a cidade de Ponte Nova, por volta de 1938, e lá se radicou com os filhos mais novos. Antes, minha tia Zulmira já havia se mudado para a mesma cidade, trabalhou como doméstica e, lá, se casou com um homem chamado Vicente. Meu tio, José Lino da Silva, também já havia se mudado para a mesma cidade, a fim de trabalhar em uma agência de peças de automóveis.

O genro da minha avó, Vicente Cordeiro, foi o responsável por tirá-la da vida dura da roça, levando-a com seus filhos e suas filhas para Ponte Nova, considerada uma cidade mais estruturada, em busca de melhores condições de vida.

Antes da mudança definitiva da minha avó para a cidade, a minha mãe já havia se mudado para morar com a minha tia Zulmira, em Ponte Nova, em 1937, para ajudá-la com a casa e completar os estudos até a 4ª série do Ensino Primário. A 1ª série do Ensino Primário havia sido cursada em uma escola rural, em Chopotó. Era uma escola multisseriada que oferecia da 1ª a 3ª série. Minha mãe amava estudar e ir à escola.

Há casos interessantíssimos e de aventuras que ela nos conta sobre a sua trajetória, na roça, quando ia, a pé, com os irmãos para a escola rural. Andavam quilômetros, enfrentavam boi bravo, cortavam trilhas na mata, brincavam com outras crianças e faziam suas levadices. Tudo isso para chegar à escolinha rural construída pelo fazendeiro. Minha avó Elisa fazia questão que os filhos estudassem. Ela sabia muito bem que esse era um caminho para que

suas crianças negras e pobres do interior conseguissem alguma chance melhor na vida em tempos tão difíceis.

Todavia, voltemos ao meu bisavô Francisco Domingos, pois essa história é parte da vida e das aventuras que ele viveu. Neste relato, que faz parte dos causos mineiros, minha mãe e eu contaremos o seu encontro com o lendário Barba Vermelho, um aventureiro que morava na mata e tomava o dinheiro dos homens que andavam a cavalo, de fazenda em fazenda, levando mercadorias e dinheiro. Ele os desafiava e os assassinava. Dizem que ele sempre pedia algo antes de atacar e, se a pessoa não tivesse o que ele solicitava, tomava tudo o que ela tinha e a matava, geralmente, a facadas.

Depois ia até as vendinhas no meio da estrada, tomava as mercadorias, batia no dono, levava o que queria no seu embornal e ia embora para a mata. Era temido por todas e todos. Ninguém tinha coragem de enfrentá-lo.

Barba Vermelho era um homem alto, de cor branca/avermelhada, corpulento, cabelos tão ruivos que chegavam a ser vermelhos, olhos muito grandes, cuja esclera era também vermelha. Sobrancelhas grossas e vermelhas, dentes grandes, braços enormes. Andava montado em uma mula grandona e bem arriada.

Pois bem. Por volta do ano de 1890, meu bisavô Francisco se apaixonou pela linda jovem negra Ilídia Maria do Espírito Santo e, logo, propôs casamento. No entanto,

para isso, teria de ter dinheiro para montar uma casa, na qual moraria com a sua amada.[11]

Sem dinheiro para tal empreitada, ele aceitou a oferta de Seu Valdivino, um fazendeiro local: buscar uma soma significativa de dinheiro que ele havia emprestado ao Seu Antenor, outro fazendeiro, cuja fazenda ficava em uma região da Zona da Mata profunda. Não era fácil chegar até lá. O caminho era perigoso, repleto de bichos e de homens. Ele já havia mandado três pessoas, todos exímios cavaleiros, para buscarem a encomenda, mas nenhum havia voltado.

Afinal, por que não voltaram? A resposta que assustava a todas e todos era: as notícias que chegavam diziam que esses cavaleiros encontraram com o temido Barba Vermelho no caminho e foram assassinados por ele ainda durante a ida. Só que havia casos de outros homens, também enviados pelo fazendeiro em anos anteriores, que conseguiam chegar até a fazenda do mau pagador e, durante o retorno, simplesmente desapareciam. Não se sabia o motivo.

Nem preciso dizer do temor da família da minha bisavó Ilídia e dela própria. Minha bisavó tinha medo de se tornar viúva antes mesmo de se casar. Entretanto, teimosia parece ser herança de família, e nada demoveu o meu bisavô Francisco do seu intento. Afinal, estava apaixonado

---

11 Essa é uma data aproximada considerando-se a data de nascimento da minha avó materna, Elisa. Não disponho, no momento, de mais informações sobre meus antepassados. A minha avó Ilídia era filha única.

e queria se casar logo. Além disso, meu bisavô era um homem misterioso e místico.

Segundo as mais velhas da família, ele carregava consigo um rosário presenteado por um padre/missionário que andava naquela época, de povoado em povoado, de fazenda em fazenda, onde quer que houvesse uma igrejinha, levando a palavra de Deus para o povo. Alguns desses religiosos eram homens de grande fé e faziam milagres com as suas orações.

Foi justamente um desses padres/missionários, do interior das Minas Gerais, que presenteou o meu bisavô com um rosário poderoso. Ele disse:

– Todo mal e inveja que lhe desejarem não irão te pegar. Eles baterão no rosário, que será a sua maior proteção, a partir de agora. Tenha fé e reze. Cada conta do rosário irá estalar, de acordo com o mal que lhe desejarem ou que você tiver de enfrentar.

Uma parada no meio da estrada

De posse do rosário, guardado dentro do embornal, Francisco seguiu viagem rumo à fazenda do mau pagador para receber o dinheiro que havia sido emprestado e não fora devolvido. Sua missão: repassar todo o dinheiro para o fazendeiro que lhe fizera a encomenda. Seu desejo: receber a recompensa para se casar com a mulher amada.

Durante a caminhada, ele parou em um pequeno povoado à beira da estrada para comer um pouco. Lá, a igreja, o cemitério e a vendinha ornamentavam a região. Seu Tonico, o dono da venda, o avisou:

– Cuidado, moço! O Barba Vermelho anda por essas matas, exatamente no caminho que o senhor vai. Certamente vai encontrá-lo. Ele desafia todos os homens que encontra para um duelo de facas. E vence todas. Temos perdido vários homens do nosso povoado.

Francisco não tinha opção. A imagem do casamento com Ilídia não saia de sua mente e do seu coração. Valia a pena arriscar. Além disso, ele era corajoso. As pessoas inventavam muitas histórias. Talvez o tal Barba Vermelho nem tão perigoso era.

Ele pernoitou no povoado e, de madrugada, reiniciou a caminhada no meio das trilhas. Uma maneira de cortar o caminho. O rosário benzido ia na bagagem. Antes de sair, rezou e o beijou. Pediu proteção aos céus.

Andou por vários quilômetros a cavalo. De repente, ao cortar o cipó para lhe dar passagem, no meio da trilha ouviu o tropel de outro cavalo. Uma voz alta e grossa gritou:

– Eh, companheiro! Corta de lá que eu corto de cá e no meio nós vamos nos encontrar.

Francisco gritou a mesma frase, um costume comum dos homens que se aventuravam atravessar uma trilha na mata fechada e escondida em meio aos cipós.

Quando o tropel dos cavalos diminuiu, os dois homens se encontraram. Francisco, meu bisavô, surpreendeu-se com o homem alto, de uma cor avermelhada, cabelos

vermelhos, olhos grandes e dentuço. Aquele corpanzão estava esparramado em cima de uma mula.

Sim. Era ele. O Barba Vermelho. Não era preciso um cartão de apresentação melhor do que aquela imagem amedrontadora.

Barba Vermelho olhou para o meu bisavô e disse em bom mineirês:

– Uai, gente! Pensei que ia encontrar um homem e encontrei um menino. Mas, afinal, quem te mandou passar pelo meu caminho? Agora vai ter que duelar comigo. Nesse embornal deve ter coisa boa para mim: cachaça, farinha, carne defumada e algum fumo para eu pitar meu cigarro de palha. Há, há, há, há!

– Não quero duelar, não – disse Francisco. – Preciso passar. Preciso completar minha caminhada, senhor. Me deixa passar.

– Nada disso. Honre a calça que você veste. Você é um homem ou um moleque?

Barba Vermelho desceu da mula e foi amarrá-la em uma árvore. Francisco rezou e pensou no rosário benzido. Pensou em Ilídia, sua amada. Ambos os pensamentos lhe deram forças e aumentaram a sua coragem. Afinal, ele nunca se negava a um duelo. Pediu aos céus que o ajudassem contra aquele homem do mau, que provocava as pessoas sem motivo.

Enquanto rezava e se preparava para descer do cavalo, Francisco percebeu um cacho de marimbondo-cavalo extremamente habitado por esses insetos cuja picada é certa. Quem já levou uma picada de marimbondo-cavalo

sabe bem o que é isso. “Obrigado meu Deus! Obrigado meu rosário bento” – pensou Francisco. E não desceu do cavalo.

Barba Vermelho terminou de amarrar a mula na árvore e já estava retirando uma enorme faca da cintura. Ele vociferou:

– Vamos, moleque! Desça já desse cavalo, sô!

Nesse momento, não se sabe se foi o grito tão alto de Barba Vermelho, se foi o mexer da mula amarrada na árvore ou se foi a ação do rosário bento emitindo energias positivas e de cuidado com o seu protegido, mas uma situação inusitada se formou: os marimbondos se assanharam e começaram a voar de forma ruidosa e nervosa perto do animal. Seus ferrões foram diretamente nas costas, na cabeça e nas orelhas da mula que, presa pela corda à árvore, passou a relinchar e dar pulos e mais pulos, coices e mais coices no ar.

Barba Vermelho se voltou surpreso e assustado. Tentou segurar a mula que, aos pinotes, se soltou da árvore e saiu galopando, pela mata adentro, agarrando-se e soltando-se nos cipós.

Francisco assistiu a tudo admirado e agradecido aos céus. Esporou o cavalo que saiu em disparada mata adentro. Ainda no meio da correria, ele ouviu Barba Vermelho gritando com ódio:

– Nego feiticeiro! Eu ainda te pego!

Não se sabe o que aconteceu com a dupla homem vermelho e mula, mas Francisco conseguiu fugir por outra trilha e chegou ao seu destino: a fazenda do Seu Antenor,

o mau pagador. Chegou suado, exausto e, ao mesmo tempo, agradecido. Passava um pouco das 6 horas da manhã e todos já estavam acordados cuidando da roça, do gado, do chiqueiro, das galinhas, da casa da fazenda, enfim, daquela vida de fazendeiro e de colonos do interior das Minas Gerais.

Ao apear do cavalo e pegar o seu embornal, ouviu um estalido. Abriu-o e viu uma das contas do rosário estalada e sem a tinta que a cobria. Mas o rosário não se arrebentou, pois as contas continuavam firmes nas cordas que as trespassavam. Só uma delas estava com a cor diferente. Ele se lembrou, então, do missionário que o abençoou.

– É, gente! Escapei de uma. Obrigado santo rosário. Obrigado, Meu Deus protetor.

Todos o receberam em festa! Os empregados, diga-se de passagem, todos negros; as arrumadeiras, diga-se de passagem, todas negras, e o próprio fazendeiro, Seu Antenor, sua mulher, Dona Clemilda, e as três filhas, Isadora, Marta e Débora, todos brancos. Qualquer semelhança com a organização escravocrata da Casa Grande e Senzala não é mera coincidência. Herança maldita, de classe e raça, que se encrusta em nossa estrutura social até hoje.

Francisco foi convidado pelo Seu Antenor a tomar um bom café da manhã com rapadura, queijo mineiro fresco feito com o leite da fazenda, pão assado logo cedinho. Francisco contou, então, sobre a sua aventura com o Barba Vermelho no meio do caminho.

– Vosmecê teve muita sorte – disse o fazendeiro Antenor. – Esse Barba Vermelho não deixa escapar ninguém. Acho bom tomar cuidado com ele na volta.

Os outros, atentos ouvintes, acenaram com a cabeça e Francisco disse:

– Tenho fé em Deus e na Virgem Maria. Eles vão continuar me protegendo na volta.

O fazendeiro o convidou para dar uma olhada na fazenda, na sua plantação de cana-de-açúcar e no grande rebanho de gado que possuía. Convidou-o a pernoitar na fazenda. Afinal, a viagem tinha sido longa e cheia de aventuras.

Convite feito, convite aceito. Francisco decidiu descansar e pegar a estrada bem cedo, ao nascer do dia seguinte.

O incrédulo Barba Vermelho

Enquanto Francisco passava o dia na fazenda, mal sabia ele que seu mais novo inimigo, Barba Vermelho, havia conseguido recuperar a mula fugitiva, cheia de picadas de marimbondo-cavalo e obrigara a coitada a trotar carregando aquele homem enorme nas costas doloridas.

Barba Vermelho e a sua mula machucada caminharam rumo ao povoado em que Francisco passara na ida para a fazenda do mau pagador e no qual fora alertado sobre o perigoso encontro que acabou acontecendo.

Por volta das 11 horas da manhã, do mesmo dia do duelo frustrado, quase chegando ao povoado, Barba Vermelho encontrou-se com o menino Joaquim, caminhando para a casa e carregando um litro de cachaça e um pacote de rapadura para levar para o seu pai e sua mãe. Joaquim, um adolescente de cor branca, pobre, de 12 anos, era exímio caçador de passarinhos. Tinha uma garrucha pequena, usada na roça para esse fim.

Caçar passarinhos era um tipo de passatempo daquela época, principalmente das crianças e dos adolescentes. Além disso, esse mesmo tipo de garrucha era usada para matar outros pássaros que serviam de alimento para as famílias, sobretudo as pobres, que nem sempre tinham dinheiro para comprar comida na venda e não possuíam terras e gado. Viviam do trabalho suado, morando como colonos nas terras dos fazendeiros, sem salário, tirando produtos na venda que, depois, eram somados e cobrados na forma de trabalho. Um ciclo vicioso de exploração sem fim, ainda presente em muitos interiores do país. Isso sem falar no grande grupo de africanos e africanas escravizados e seus descendentes (alguns já libertos) que compunham a população das fazendas da região.

Quando Barba Vermelho colocou os olhos sobre aquele vidro cheiroso de cachaça, seus olhos vermelhos se arregalaram, a boca se encheu de água. Ele pulou da mula, foi direto até Joaquim e disse:

– Me passa essa garrafa, menino. Essa cachaça agora é minha.

– Não, senhor – disse corajosamente Joaquim, pouco se importando com a horrível e rude aparência daquele que lhe dava uma ordem de forma tão autoritária.

– Esta cachaça é para o meu pai. Ele trabalha muito e adora tomar uma pinguinha antes do almoço. Vá comprar a sua, uai!

– Que moleque mais topetudo – disse o arrogante homem vermelho. – Me dá isso aqui, logo. Anda!

O homenzarrão tomou a garrafa de cachaça das mãos de Joaquim e lhe deu um tapa bem forte na cara. Deixou a criança caída no chão chorando, montou na mula e ainda disse:

– Você tem sorte de eu não te passar a faca. É que estou com fome e não vou perder meu tempo com quem ainda nem usa calça direito.

Joaquim se levantou chorando. Colocou os olhos castanhos fuzilando de ódio sobre aquele homem desaforado que seguia de costas, montado na mula, rumo ao povoado. Enxugou as lágrimas e seus olhos gritaram por vingança. Saiu correndo em direção a sua casa.

Chegou em casa esbaforido. Seu Nuno, seu pai, Dona Sofia, sua mãe, e suas irmãs, Anastácia e Geralda, estranharam os olhos vermelhos, a cara inchada de choro, a marca do tapa forte que tomara e, ao mesmo tempo, a raiva. Nas mãos, trazia somente o pacote de rapadura todo sujo de terra.

– O que aconteceu, meu filho? – perguntou Dona Sofia.

– Dá licença, mãe. Preciso falar com o pai. Pai, pai, roubaram a sua cachaça. Tomaram das minhas mãos.

– O que é isso, Joaquim? O que você está dizendo? Quem faria uma coisa dessas? – respondeu Seu Nuno.

– Aquela peste chamada Barba Vermelho. Ainda me bateu na cara. Disse que a cachaça agora era dele. Eu o odeio. Vou me vingar dele.

– Não fala bobagem, moleque. Deus castiga. Ninguém enfrenta o Barba Vermelho. E para de falar isso porque, depois, alguém escuta e conta para ele, e ele virá aqui para tomar satisfação comigo. Você quer que eu seja morto?

– Não, pai. O senhor, não, mas o Barba Vermelho, sim.

Joaquim virou as costas e foi para o quarto pequeno que dividia com as suas irmãs. Chorou de soluçar. Ninguém o consolava. Não conseguiu nem almoçar. E já era quase uma hora da tarde.

Enquanto isso, Barba Vermelho já tinha chegado ao povoado e foi direto para a venda. Os olhos estavam ainda mais vermelhos de embriaguez com a cachaça mineira e forte da roça. Pediu toda a comida que quis e teve seu pedido atendido. Os poucos homens e as mulheres que estavam na venda saíram correndo e deixaram o dono sozinho, tremendo e suando para atender o novo freguês tão pouco gentil.

O grandalhão se sentou em uma das cadeiras e se debruçou sobre a mesa. Dormiu de roncar. Talvez tenha sonhado com o fatídico encontro com Francisco e a sua feitiçaria de assanhar marimbondo-cavalo.

Enquanto isso, Joaquim aproveitou que todos na casa faziam o quilo depois do almoço, tirando uma soneca.

Levantou pé ante pé e pegou sua garrucha de matar passarinho. Colocou dentro dela chumbinho, pedaços de ferro e tudo o que mais foi possível. Pôs a garrucha debaixo da blusa, enfiada no *short* velho e surrado e saiu numa carreira até a venda. Ia acertar contas com o seu mais novo inimigo.

Chegando à venda, todo ofegante, não viu o seu alvo. Perguntou desiludido para o dono da venda:

– Seu Tonico, o Barba Vermelho já foi?

– Está quase saindo, graças a Deus. Comeu tudo e não pagou. Estava tomando uma cachaça de cheiro bom e virou toda a garrafa sentado ali. Depois dormiu, aquela peste, e agora está montando a coitada da mula para ir embora. Está logo ali, na saída, mas nem chega perto, viu? Não quero confusão. Depois seu pai vai falar que eu não te olhei direito.

Ele nem terminou de falar e Joaquim já tinha saído correndo em direção ao grandalhão sentado na mula. Aproximou-se, passou na frente do animal e do seu cavaleiro e disse:

– Você tomou a cachaça do meu pai de mim. Você me bateu. E agora vai morrer.

– Há, há, há, há! O que é isso? Uma criança me desafiando? Bem que eu vi que nesse povoado não há homem. Ninguém apareceu para me desafiar e, quando aparece, é o moleque de quem tomei a cachaça. Volte para casa antes que eu te mate, seu pirralho.

– Não – disse Joaquim. – Eu estou te convidando para um duelo. E apontou para o Barba Vermelho a garrucha cheia de trecos.

– Há, há, há, há! Não vou perder o meu tempo – disse o homem vermelho. – Se quer me matar, então, mate! – abriu a camisa e mostrou o peito forte, cheio de cabelos vermelhos.

Joaquim mirou o peito do inimigo, bem na direção do coração. Fechou um olho como fazia quando queria mirar uma rolinha. E disparou!

Chumbinho, pólvora e pedaços de ferro amassado acertaram precisamente o peito do oponente. Em cheio, no coração. Outros pedaços atingiram o pescoço, as veias enormes que apareciam no busto avermelhado.

– Aaaaaaaai! – gritou Barba Vermelho. – E não é que a criança me matou? – e caiu morto com um pé agarrado na sela da mula que permaneceu inerte.

Joaquim saiu correndo de volta para casa. Seu coração batia. Será que tinha mesmo feito aquilo? Atirou e matou o Barba Vermelho? E agora? O que seria dele e de sua família? Será que ia ser preso? Mas, afinal, o Barba Vermelho mereceu. Ninguém o mandou tomar a cachaça do seu pai – os pensamentos povoavam a sua cabeça.

O estampido alertou o dono da venda que, assustado, correu em direção ao barulho. Ao ver a cena, colocou as mãos na cabeça.

– Meu Deus, o que aquele menino fez. Matou o infeliz!

E saiu correndo dando o alarme em todo o povoado:

– Mataram o Barba Vermelho! Mataram o Barba Vermelho!

De repente, a venda do Seu Tonico estava povoada de gente. Homens, mulheres, crianças, jovens, velhos e velhas. Todos olhavam incrédulos aquele homem enorme caído, sangue escorrendo pelo peito, pescoço e cabeça, com um dos pés presos na sela da mula. A cena de horror estava montada na direção da saída que levava para o interior da mata, bem pertinho da venda. E o animal permanecia parado e inerte.

Ninguém tinha coragem de chegar perto. Até que um dos mais velhos, seu João, abriu caminho entre o povo e foi até lá. Chegou perto, viu o sangue escorrendo pelo peito, molhando a camisa e as calças do homem vermelho que já estava ficando pálido. A respiração não existia mais.

– Está morto – disse com o olhar investigativo.

– Ehhhhhhh!!! – as pessoas pulavam e se abraçavam. – Estamos livres desse monstro!

– Viva o menino Joaquim! – disse o homem da venda.

– Joaquim? – perguntou o padre incrédulo que também pulava de alegria junto ao povo, esquecendo-se de que a cena comemorada infringia um dos mandamentos da igreja católica. – Como ele fez isso, gente?

– Com a garrucha de chumbinho – disse o dono da venda.

– Oooooh! – disseram todos em coro. Quase não acreditaram.

Enquanto isso, Joaquim estava de castigo. Seu Nuno, o pai, tomara a sua garrucha e lhe disse que nunca mais a veria. Estava se arrumando para ir à delegacia assumir a culpa pela loucura do filho.

A mãe e as irmãs de Joaquim choravam. As duas jovens irmãs gritavam histéricas:

– O que vai ser de nós, mãe? Pobres e com o pai preso por causa da loucura do Joaquim?

Nisso, parte do povoado vinha chegando aos berros:

– Joaquim! Joaquim! Joaquim!

Ninguém entendeu nada. O que havia acontecido?

– O delegado, o padre e o fazendeiro local vinham caminhando junto à multidão. Todos com a cara muito contente.

– Seu Nuno, seu filho é o homem mais corajoso do povoado. Nos livrou do Barba Vermelho. Isso é que é moleque de coragem e de palavra!

– Seu delegado, ele já foi castigado. Nunca mais colocará a mão nessa garrucha. E eu estou aqui para assumir a culpa. Pode me prender. Tentei ser um bom pai, mas esse menino nasceu esquentado demais. Não leva desaforo para a casa. Não sei a quem ele puxou.

Nesse momento, Dona Sofia, a esposa, levantou os olhos para cima e disse:

– Não sabe a quem ele puxou? É mesmo?

As pessoas deram uma sonora gargalhada e seu Nuno ficou vermelho.

– Não se preocupe, seu Nuno – disse um dos fazendeiros da região. – O dono da venda vai dar a sua família

suprimento por um ano de graça em recompensa. Eu vou lhe dar uma terrinha e umas vacas.

Joaquim foi chegando e vendo aquela confusão. As pessoas correram para ele e o carregaram. Seu Nuno e família não sabiam se riam ou se choravam diante de novidades que lhes retirariam da situação de pobreza e, ao mesmo tempo, motivadas por algo tão absurdo!

Uma noite mal dormida na fazenda

Enquanto o tumulto e as novas notícias corriam pelos povoados sobre a morte do Barba Vermelho ao duelar com um adolescente, Francisco passava um dia agradável na fazenda. Ele já recolhera o dinheiro que viera buscar, e o coração ansiava para retornar para os braços de Ilídia.

Mal sabia ele que não teria de se preocupar com o seu mais novo e agora ex-inimigo, o Barba Vermelho, que já fora enterrado no cemitério do povoado sem pompas e nem circunstâncias.

A tarde passou e a noite estava chegando. Francisco pediu licença aos donos da fazenda após o jantar e pediu que lhe mostrassem o lugar onde passaria a noite. A sua intenção era viajar assim que o sol raiasse.

Seu Antenor pediu a um empregado, um dos mais velhos, Seu Zé, um senhor negro com cara de sofrido que vivia de plantão com uma espingarda na porta de entrada da Casa Grande, para mostrar a Francisco os

seus aposentos. Certamente, o Seu Zé era fruto da Lei do Sexagenário (Lei nº 3.270, de 28 de setembro de 1885), mas vivia ainda em regime de escravidão na fazenda por não ter para onde ir.[12]

Sim, era assim que muitos fazendeiros das Minas Gerais se defendiam dos seus inimigos. Eles tinham quase que uma guarda particular formada pelos seus escravizados/empregados.

O lugar destinado para o descanso era uma casa velha, próxima da Casa Grande e do lugar onde os empregados/escravizados homens dormiam. No caminho, Francisco puxou conversa com Seu Zé, que mais parecia ser o seu avô. Certamente, ele deve ter ficado indignado, pois estava junto de um senhor, de quase 80 anos, formalmente livre, mas que ainda tinha de trabalhar na fazenda como se fosse um escravizado.

– É a nossa vida, senhor – disse o velho. – Temos teto e comida. Por essas bandas não há outra opção.

Ao chegar aos seus aposentos, Francisco deu ao Seu Zé um vidro de aguardente e dividiu com ele um pouco de fumo de rolo. Deu um abraço naquele senhor, sentindo como se abraçasse alguém de sua família.

Quando ia adentrar o quarto, Seu Zé, com o olhar terno, o segurou pelo braço e lhe disse:

– O senhor é muito bom. Poderia ser meu neto. Só quero dar um aviso: às vezes, o chão é melhor do que a

---

12 Também conhecida como Lei Saraiva-Cotegipe, concedia liberdade aos escravizados e às escravizadas com mais de 60 anos de idade.

cama – deu as costas e foi-se embora todo satisfeito com os presentes.

Francisco entendeu que havia algo estranho naquela história da fazenda, dos vários homens que já tinham ido antes dele para receber dinheiro, mas nenhum voltara. Afinal, nem todos devem ter tido o azar de se encontrar com o Barba Vermelho no caminho e ser convidado para um duelo de facas. O que será que havia acontecido, de fato?

Atento ao aviso do velho, Francisco entendeu que não deveria deitar-se na cama para dormir. Mas, por quê?

No quarto, não havia luz. Havia uma cama velha, com roupas mal lavadas, uma bilha de água, um copo de barro em cima de uma mesa, uma janela que estava trancada por fora (estranho!) e uma cama grande bem no meio do quarto. Não havia banheiro, logo, todas as necessidades deveriam ser feitas lá fora, no mato.

Além de achar a decoração de mal gosto, Francisco estranhou não haver sequer uma lamparina para iluminar a noite. No entanto, como era um jovem viajado e prevenido, levava o seu velho isqueiro na bagagem e uma pequena lamparina com um pouco de querosene. Acendeu a lamparina com a chama do isqueiro e passou a examinar o lugar. Havia marcas enormes e escuras no chão que pareciam o arrastar de alguma pessoa. Havia manchas no chão, especialmente perto da cama, como se ela tivesse sido lavada.

Ao olhar a cama e os lençóis sujos, não viu nada demais, a não ser um colchão de palha muito velho.

Todavia, algo o levou a levantar os olhos para o teto e o que viu o deixou assustado.

Havia um quadrado na forma de alçapão no teto. Era como se o teto tivesse sido recortado na forma de quadrado para guardar algo ali dentro. Ele subiu em cima da cama, examinou o local, forçou para cima, a fim de abrir e nada.

Por via das dúvidas e lembrando-se do aviso do velho empregado, desistiu de dormir naquela cama. Forrou o chão sujo com a capa que trazia para proteção da chuva, colocou o embornal como travesseiro e dormiu no chão. Estava cansado.

De madrugada, Francisco acordou em sobressalto. Paaaaaaaa! Um barulho horrível fez-se ouvir do teto em direção à cama, vindo, justamente, do lugar onde se localizava o quadrado no teto que examinou com tanta curiosidade antes de dormir.

Ao acender rapidamente a sua lamparina, ele não acreditou no que viu. Uma engrenagem estranha liberou um machado que bateu com força em cima da cama, bem no local onde ele teria dormido.

A engrenagem se moveu, o machado foi suspenso e novamente o barulho: Paaaaaaaaa! Era o machado que descia mais uma vez. Passados alguns minutos, a grande ferramenta foi recolhida pela engrenagem e o buraco do teto na forma de quadrado se fechou. "Ah! Agora entendo por que nenhum homem voltava. Ficavam aqui, mortos, debaixo desse machado. Seu Antenor, o fazendeiro, além de mau pagador é desonesto e assassino" – refletiu

sentindo muita raiva. – “Mas ele não perde por esperar” – pensou Francisco, sozinho na escuridão da noite.

Meu bisavô pegou a lamparina e observou todo o teto e, não vendo mais nenhum quadrado, sentou-se encolhido perto da porta e, novamente, adormeceu, mesmo querendo manter os olhos abertos numa postura de vigília diante de um lugar tão perigoso.

O galo cantou e o despertou. A manhã vinha chegando devagar, mineiramente, bem preguiçosa para mais um dia de trabalho e aventuras.

Francisco ouviu vozes e passos do lado de fora, em direção à porta da casa. Prontamente, ele se levantou e se deitou na cama, em cima dos dois buracos feitos pela engrenagem do machado que despencara do teto durante a noite. Fingiu que estava dormindo profundamente.

Quando a porta se abriu, entraram Seu Antenor e mais três capangas e o Seu Zé, o velho empregado negro, que o salvara da fatídica noite.

Todos abriram a boca e exclamaram: – Oh! O que foi que aconteceu?

Fingindo estar acordando, Francisco deu um pulo da cama e disse:

– Nossa, perdi a hora. Estava com tanto sono! Dormi tão bem. Me desculpem. Vou já pegar o meu cavalo e voltar. Nem quero nem tomar café da manhã.

O fazendeiro Antenor estava boquiaberto e olhava incrédulo para aquele homem negro, forte, bonito e... vivo, à sua frente.

– Não, homem, tome um café conosco – disse de forma dissimulada o fazendeiro.

– Muito obrigado. Estou mesmo atrasado – disse Francisco recolhendo as suas coisas e passando como um relâmpago por eles em direção à porta. Ao sair, seus olhos se encontraram com os do Seu Zé, e ambos sorriram com o olhar um para o outro.

– Seu Zé – disse o fazendeiro – leve o Francisco até a saída da fazenda. Afinal, tratamos bem os nossos convidados.

O velho Zé obedeceu e pediu a Francisco para o seguir até o cavalo. Ambos montaram e andaram calmamente rumo à saída da fazenda, deixando o fazendeiro e os três capangas com cara de interrogação. Parecia que não acreditavam que o homem estava vivo depois de uma noite com duas machadadas.

Quem avisa, amigo é

Quando chegaram perto da porteira, Seu Zé disse:

– Meu filho, você é esperto e obedece aos mais velhos. Obrigado pelos presentes. Tomei minha cachaça ontem à noite com os amigos. Fazia tempo que não tomava uma tão boa assim e pitava um cigarro de palha com um fumo tão bom. Se você continuar obediente – disse o velho – vai ouvir o que vou te dizer agora: quem avisa amigo é. Não pegue a estrada principal, vá pela trilha, à direita, no meio da mata. Seu Antenor é um homem muito

mau pagador e mau perdedor. Está com raiva de você e vai fazer tocaia no meio do caminho.

Dizendo isso, deu ordem ao cavalo para retornar e deixou Francisco sozinho olhando para a estrada que o levaria mais rápido ao seu destino e para o início da trilha, cheia de cipó, no meio da mata, que era o seu atalho mais seguro.

Francisco retirou o rosário bento de dentro do embornal. Mais uma conta havia estalado e perdido a cobertura. Beijou, agradeceu a Deus e à Virgem Maria pelo livramento da noite anterior. Agradeceu pelo novo alerta dado pelo Seu Zé, o qual se tornara seu protetor. Deu ordem ao cavalo para andar, embrenhou-se na mata, seguindo a trilha que o levaria ao seu melhor destino. E esse destino seria os braços de Ilídia e, com certeza, não seria a tocaia do fazendeiro mau pagador.

Quem conta um conto aumenta um ponto

Conta a minha mãe que meu bisavô foi recebido com festa em Chopotó. Seu Valdivino, o fazendeiro local que havia prometido uma boa recompensa se ele trouxesse o dinheiro de volta, admirou-se tanto com o seu retorno e com a sua história de aventura que lhe deu um valor além do prometido.

Além disso, em Chopotó, ele ficou sabendo sobre a morte do Barba Vermelho e a recompensa dada ao menino Joaquim e sua família.

Não preciso dizer da alegria do meu bisavô Francisco e da minha bisavó Ilídia. Eles construíram a sua casa, casaram-se, tiveram filhos e filhas: Leonida, Maria Luiza, Elisa Antônia, Alcides e Floripes. Um casal de negros livres, descendentes de africanos e africanas escravizados, que viveram uma história de luta pela sobrevivência, de resistência e de amor.

Nunca ouvi a minha mãe falar de uma história de sofrimento e nem de violência doméstica sofrida pela minha bisavó Ilídia. Ela era uma mulher muito inteligente, forte e decidida. E essa força, passada de mãe para filha, foi herdada pela minha avó, Elisa, pela minha mãe, Maria da Glória, e chegou até mim: três gerações de mulheres negras.

Lembranças em Imagens

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

REGISTRO CIVIL

ESTADO DE MINAS GERAIS

NASCIMENTO IN.

Imagem 1 – Registro de nascimento de Elisa Antônia da Silva (minha avó materna)

Fonte: arquivo da família Lino da Silva.

Imagem 2 – Minha avó materna: Elisa Antônia da Silva

Fonte: arquivo da família Lino da Silva.

Imagem 3 – Caminho de Chopotó/MG

Fonte: arquivo da família Lino da Silva.

Imagem 4 – Antiga estação ferroviária de Chopotó/MG

Fonte: arquivo da família Lino da Silva.

Imagem 5 – Antiga Escola Rural de Chopotó, hoje, residência particular

Fonte: arquivo da família Lino da Silva.

Imagem 6 – Vista do cemitério dos escravizados, em Pontal, perto da Usina do Camarão/MG

Fonte: arquivo da família Lino da Silva.

Imagem 7 – Três gerações de mulheres negras: minha avó, Elisa; minha mãe, Maria da Glória; e eu, Nilma

Fonte: arquivo pessoal.

Imagem 8 – *Card* de lançamento do livro *Casos de Glória*: *histórias de amor e de coragem*, em 2022, da Resgate Editora

Fonte: Arquivo pessoal. Projeto gráfico: Carol D'Alessandro.

Imagem 9 – Nilma Lino Gomes e Maria da Glória Lino Gomes no lançamento do livro *Casos de Glória: histórias de amor e de coragem*

Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Letícia Souza.

Imagem 10 – Nilma Lino Gomes, Maria da Glória Lino Gomes e Alex Ratts

Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Letícia Souza.

Imagem 11 – Parte da família de Maria da Glória Lino Gomes. Da esquerda para a direita: Jarbas (filho), Valdenier (sobrinho-neto), Normélia (filha), João Carlos (filho), Nilma (filha e autora), Maria da Glória (matriarca e autora), Alex Ratts (antropólogo e escritor) e Rogério (sobrinho)

Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Letícia Souza.

Imagem 12 – Parte da família de Maria da Glória Lino Gomes. Da esquerda para a direita: Normélia (filha), Nilson Francisco (genro), Nilma (filha) e Maria da Glória

Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Letícia Souza.

Imagem 13 – Parte do público durante o lançamento do livro na Livraria Quixote – Belo Horizonte, no dia 19 de agosto de 2023

Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Letícia Souza.

Imagem 14 – Parte do público durante o lançamento do livro na Livraria Quixote – Belo Horizonte, no dia 19 de agosto de 2023

Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Letícia Souza.

Do valor da palavra[1]

Pingréwaoga Béma Abdoul Hadi Savadogo
Burkina Faso – África

Escravo da cabeça, a boca manda ao resto do mundo, fala e grita em seu nome, muitas vezes erradamente, às vezes com razão, sem pedir sua opinião nem à barriga, que comeria ainda enquanto ela [a boca] se declara saciada, nem às pernas, que gostaria não mais andar quando ela [a boca] diz-se capaz de ir mais longe.

A boca tomou todo o poder do corpo o dia em que soube-se indispensável. Ele salva o homem às vezes e, mais freqüentemente, leva-o à sua perda, pois lhe é difícil contentar-se de: não sei.

Falar demais é sempre ruim; não ser ouvido é muitas vezes fonte de aborrecimento, assim como não entender

1 Título contextual. Fragmento de conto da África do Oeste retirado de « La Biche et les deux chasseurs », Birago Diop, Les Contes d'Amadou Koumba, éditions Présence Africaine, 1961.

o que outra boca diz. É o que Serigne-Marabu deve ter dito a si mesmo, quando, voltando da Meca, parou em Kayes (cidade do Mali), na casa/família de um de seus discípulos.

Trancado na mais bela cabana[2], Serigne tinha começado logo a entoar versos do Alcorão e litanias. Veio a hora da refeição. Uma criança foi enviada para buscar o Marabu. A criança entrou na cabana e disse a Serigne:

Ki ka na: a gente te chama (em bambara).

Serigne lhe respondeu:

Mana: sou eu (em wolof).

A criança voltou dizer a seus pais:

Ele disse que não vem.

Assim, jantaram sem o hóspede.

O dia seguinte de manhã, a criança veio de novo chamar o Marabu na sua língua (o bambara), e Serigne lhe havia respondido na sua (wolof). Assim foi a meio dia e também à noite. Durante três dias e três vezes por dia, o devoto peregrino deu ao jovem mensageiro a mesma resposta ao mesmo chamado.

Convertidos de fresca data, os anfitriões do Marabu não entendiam nada a tanto fervor. Com certeza, a refeição sabe que não será poupada mesmo quando a questão não é mais de saber se deve-se orar antes de comer ou comer antes de orar. Comer sem rezar não é o ato de um crente, mesmo que nunca estivesse em Meca. Mas rezar sem comer? Qualquer que seja o poder que a palavra divina tenha, esses bambaras ainda recém-incrédulos

2 Casa tradicional feito de terra com teto em palha

nunca tinha ouvido falar que o Alcorão podia substituir uma cabaça de arroz, sobretudo de *tô* (tipo de polenta ''grosso''), de *tô* feita com massa de milho, junto com um perfeito molho de quiabo fresco, acompanhado por um frango devidamente assado, um verdadeiro *tô* de chefe para honrar o Mestre. E eis que o Mestre sempre se recusava a vir compartilhar arroz, *tô* ou cuscuz.

Serigne, do seu lado, se perguntava, entre uma surata e uma litania, se, desde que ele entrou na cabana, um enxame de gafanhotos não tinha caído sobre os campos do país; se os cupins não tivessem devastado os celeiros; se o rio Senegal tinha secado em uma noite; se todas as raças de peixes que o povoavam: carpas, capitães, peixes-cachorros, até os imundos siluros que se deleitam com dejeções, desertando Kayes e Medina, não tinham subidos até o Fouta-Djallon, ou descidos em direção de Saint-Louis e o mar.

Ele se perguntava se de repente todos os bois que pastavam numerosos, do outro lado do rio, não tinham sido levados em uma noite pela peste; se todas ovelhas que os Mouros e os fulas levavam para o norte, sofrendo subitamente de ''pasteurellose'', não tinham ido se deitar com raiva para morrer num piscar de olhos. Ele se perguntava enfim quantas vezes por mês se comia neste país. Sua dignidade de grande Marabu o proibia, no entanto, de exigir comida. O discípulo, preocupado, veio finalmente ver o Mestre e eles se explicaram.

Serigne não entendia, ele que possuía melhor do que um erudito de Timbuktu, o árabe literário, uma palavra de

Bambara, e a criança que eles lhe enviava não entendia o Wolof, pois nunca tinha saído de Kayes e nunca tinha cruzado a Faleme, que separa o Sudão do Senegal. Quando a criança, em Bambara, dizia ao Marabu:

Ki ka na: estão te chamando.

Serigne entendia:

– *Ki ka na?*: quém é? em wolof.

E quando o Marabu respondia em wolof:

– *Mana*!: sou eu!

A criança entendia:

– *Ma na*!: não venho, em bambara.

Serigne assim soube, à custa da sua barriga, o poder da boca e o valor da palavra, mesmo profana.

Entretanto, como há males que vêm por bem, e que a sorte pode surgir mesmo dos laços que vos ata, Serigne, em seguida ao seu jejum forçado durante o qual nenhum alimento impuro tinha contaminado sua boca, tornou-se melhor que um marabu, quase *Wali* quase um santo (...).

Gozinho!

Lepê Correia
Olinda – Pernambuco – Brasil

A vida é cheia de fatos e fatores. Não é como a gente quer porque as impermanências fazem parte dela. Mesmo assim, tem gente muito apegado a tudo. Uns só querem lucro, outros só trabalho e outros vêm só futebol e sexo em tudo: no olhar, nas palavras, nos cumprimentos e querem que todos vejam as coisas do mesmo jeito que eles entendem. Esses, dizia minha avó: " talvez nem enxerguem um palmo adiante do nariz". Implicam até com os nomes que ouvem...

– Como é teu nome menino?

– Gozinho!.

– Gozinho não é nome. Isso deve ser uma desses apelidos que vocês ganham na rua, ou coisa de irmão mais novo quando está aprendendo a falar.

– Mas minha mãe dizia assim.

– Seu nome deve ser Godofredo, Govindo ou Gotham City – e cai na risada se lembrando da cidade onde moram Batman e Robin.

– Só sei que é assim – diz o menino, com cara meio emburrada – minha tia disse que é porque desde novinho eu derretia as chupetas e o bico das mamadeiras quando bebia leite...

– Como é que é? - Pergunta o homem, com cara assustada – chupeta?

– É....aquele troço de borracha, que se bota na boca das crianças pra elas não chorarem. Ela disse que a chupeta derretia... ela é quem sabe ahahahahah! - ri com cara de gozador.

– Bem – disse o senhor – vamos acabar com essa conversa fiada e me dá o meu troco, que daqui há poucos chove. Recebeu o troco, contou e se admirou com a rapidez com que o menino fez a conta, sem calculadora. Olhou para o pequeno de novo. "É até bonitinho o danado" - disse para si - cabelinho trançado, roupa limpa, olhar brilhante e conversador..."

Gozinho era desses meninos vivos, que olham para tudo que passa em sua frente, com interesse e a cara de quem conhece todo mundo. Aparentava ter entre 13 a 14 anos, no máximo.

– Bora comprar sacola, "boraa boráaa!"

Escutando o convite, todos olhavam com interesse as sacolas de várias cores, penduradas num tipo de suporte que nas lojas se usa para pendurar blusas, camisas, calças, todas em ombreiras ou "cabides", como se chama no Nordeste do Brasil.

Os suportes, também são chamados: araras. Ficam no meio das lojas, enfileirados, formando corredores para

facilitarem a mobilidade, e melhor se poder escolher as vestimentas. Mas alí era um calçadão, quase no centro da cidade, perto da praça onde estavam o banco e várias lojas. Gozinho, continua vendendo em sua loja a céu aberto mesmo, aos gritos. De repente, levanta a cabeça, olha para o outro lado da rua.

Seu semblante se ilumina, e dando pinotes grita:

– "Eh Jila... Jiláááá!"

Uma das senhoras que vai passando, para meio assustada e ergue a cabeça como que procurando de onde parteaquele chamado. Localiza, cruza os braços e... como se pensando alto exclama: – "Bonito, não é!?". – Depois faz um gesto que deixa todos sem entenderem: inclina o corpo como se fosse por a mão no chão, estende os braços com as mão juntas e espalmadas para a frente e grita de cá:

– "Asé , asé !"

E ele, rindo como se divertindo com o que estava acontecendo, continua - "bora, boráááá" comprar sacolas, gente!

Ela não se aguenta de tanto rir alto e ... exultante enceta uma travessia em direção ao vendedorzinho. Ela era uma daquelas mulheres sexagenárias, com seios fartos e quartuda. Turbante de um azul brilhante na cabeça. Quando desce a calçada uns carros começam a parar, outros desviam e... ela nem aí no seu passo lento, vai acenando em sinal de agradecimento aos motoristas, sem tirar os olhos da cena do outro lado: Gozinho entregando sacolas, passando troco e rindo satisfeito. Ao chegar mais

perto, olha para o menino e fala com voz macia, mas o tom é de reprimenda:

– Mas, Gozinho, meu pai ... Não tem necessidade disso.

Virar ambulante? O Senhor já comeu!

Seu Oníyè, um senhor que comprara duas sacolas e observava atentamente o entusiasmado vendedorzinho, já estavade saída, mas agora, ao ouvir a frase da mulher, parou. Estava a poucos metros de distância. Melhor dizendo: muito próximo.

– "Opa, o que é isso, o carro andando na frente dos bois, ou o poste mijando no cachorro?"

– ... ...

–"Tem algo estranho nisso." – Olhou para o garoto e, agora, viu um traço familiar. – "Brincadeira tem hora!"

O Menino para, olha para ele. E como se lesse pensamentos, lhe pisca o olho. Se volta para ela e, com carinho, abre os braços e sorrindo, se aconchega como se estivesse a abraçar o mundo. Depois, dá três passos para trás, levanta os braços e rodopiando à reverenciá-la numa dança, como se ouvisse tambores ligeiros. Tira o dinheiro da bolsinha que carrega na cintura, avança em direção a ela e - para a surpresade todos - puxa-lhe o decote do vestido, que agora exibe parte dos seios, e joga tudo ali dentro. Para os plantonistas da censura ocidental, era uma cena esdrúxula.

Mas ela, se inclina respeitosamente segurando o volume e, depois, de mãos estendidas, acolhe o suor que da testa do menino escorre. Cada gota ao tocar nas

palmas de sua mão, brilham como tochas acesas. É a água parindo o fogo arrepiando aos que estupefactos assistem à cena. Mais estonteante ainda é vê-lo, como num esticar mágico, se agigantar e erguer do solo todo aquele volume de mulher. Já não comporta um diminutivo. Num redemoinho os dois se fundem e se transformam em uma grande labareda azul-avermelhada que, girando, girando executa algo como uma dança de fogo...

E do centro do fogaréu um bastão se ergue, trazendo em sua extremidade uma espécie de cutelo com dois gumes largos e brilhantes. Das faíscas, gritos ecoam: "Éjiìlàaaa Sébòràaa!"

– O Velho Oníyè, como se escapando de um transe, diz consigo: "queria eu ter visto ..." Em seus ouvidos ainda soa ...

– "...Bòràa" ... comprar sacolas!

Ps. *(Éjìlà Sebòrà,* é um Odu do jogo de búzios, em que fala o Orisá Sàngó (Xangô) – Para os Egbá – inquestionável e próspero.)

Sísifo, o etc...

Dionisio Bahule

Moçambique – África

Proposição I

«Da mesma forma que Ibis é o apedrejado por ter recusado obedecer a uma ordem de Alá, que ele considerava arbitrária, todos os descrentes estão condenados eternamente às torturas mais terríveis: Nós fizemos do inferno uma prisão para os descrentes.»

Marcien TOWA, 2015:31

Proposição II

«[…] a explosão da linguagem literária foi um facto de consciência, não um facto revolucionário. […] Ao menos, pela primeira vez, não é a escrita que é a literatura; a Literatura é expulsa da forma; já é só uma categoria; é a Literatura é a ironia, a linguagem constitui aqui a experiência profunda.»

Roland BARTHES, 2006:65-74

Nunca tinha antes ouvido falar de Günter Grass. Muito menos da luta por devolver Adorno por meio da ascese – essa categoria da «desconfiança face a todos os enfeites, aquelas intemporalidades líricas dos místicos», como de uma tomada de posicionamento. Depois de virar a página 25

com o dedo a seguir novamente para a língua – esmurrei com repentina leveza no Cinzeiro como se adequasse um específico gesto depois de coreografar uma emoção antiga. «Escrever depois de Auschwitz» recolhia por definitivo, a certeza de um mistério que me acompanha até hoje. Mas não tem nada de mesquinho nisto tudo. Cristo até bebeu com ladrões e se permitiu ungir pela mão de uma prostituta. Afinal – todos temos um pouco dessa coisa que nos importuna. Essa «loucura da sinceridade» que Meursault – esse homem que cede ao impulso dos dedos no revólver – se contorce para concretizar a incógnita do homem e do seu tempo. Adorno também. E tinha razão ao proibir o poema depois de Auschwitz. Como seria? Pensar o humano depois de fraturá-lo? Empurrá-lo a essa jurisdição que desafia até hoje o cálculo? Óbvio. Tinha percebido. A totalidade do racionalismo de Leibniz que repousa naquela sua famosa frase; do tudo parecer explicável e calculável – era inoperante para o poema – para este grau das coisas que reside «onde a ponte entre uma causa e um efeito se quebra». Parece ser aqui possível recordar a pergunta de Laurence Sterne sobre a moradia do poema. Um dia, Kundera – também voltou-se para esta questão de Sterne por perceber que este acto vulnerável; esta angústia; esta penúria – está na digressão; no incalculável; do outro lado da casualidade.

Inclinei o pescoço para limpar no antebraço esquerdo a cinza que corria distraidamente para a outra parte da casa onde Alice e Nadinho se entregavam silenciosos em uma estaca inclinada para a varanda. Atravessei com o pé

a escuridão e continuei a percorrer com o olhar a embriaguez privada daquele instante. Era assídua a fumaça da Amphora naquela noite. E mesmo depois de concordar com Bloom, o Harold da «*Anatomia da Influência*» sobre um recurso crucial da ideia de *poeta-em-um-poeta*; desse músculo que se fragmenta e se isola da contaminação ideológica do panfleto, continuo querendo acreditar que o «Leite Derramado» permanece ainda nas mãos de uma elite, senão teria lido em alguma publicação qualquer sobre como se recorta a babá da Eulalinha, a filha da Matilde. Fiquei depois de todos dormirem. A espera. Tinha ouvido numa certa ocasião meu pai falar. Isso foi muito antes de morrer. Que há um certo tempo; um momento de cio onde a travessia entre o convencional para o demiurgo se realiza. Fiquei. Olhando atento a cada frase. Não quis nem incomodar a Teresa. Afinal – aquilo – o acto de pensar o começo e o fim de um parágrafo – é um ritual a ser feito no recolhimento.

Naquele dia. Depois ao que antecedeu ao funeral do amigo do Leonel – voltei – se não me esqueço – uma ou duas vezes ao Museu da História Natural. Na altura – Eufrásio acabava de trazer Isefa depois de uma história de quase cinco anos com a Letícia. E eu não posso nem inventar isso. Comentei apenas com ele sobre a história do homem da Revista que li a caminho da casa do irmão da Teresa e, da Senhora da recepção do Museu. Eu não sei. Mas todas as vezes que a vi descendo o parquete para o outro lado da área reservada aos visitantes – fê-lo sobretudo, sobrepondo uma mão sobre a outra na tentativa de

alinhar incansavelmente os botões da camisa. Não me lembro ao certo do nome da Revista. Mas é uma daquelas que como a Tempo – moram com a memória conturbada dos tempos da revolução igual ao que acontece depois de se reconhecer o direito do povo moçambicano à independência, principalmente – com a que acontece na Rádio Clube pós 7 de Setembro de 1974. Mesmo com isso – eu continuava por lá. A cortar com os olhos alguma réstia de exéquias lamentações contrabandeando-se na velha interrogativa existencial fragmentada por Kant. Mas não era fácil. Parecia um daqueles exercícios ingratos; aqueles de subir a 24 de julho e voltar por uma outra avenida. Fiquei ali. Observei tudo. Cheguei até a imaginar Madelaine a deslocar o braço ao prato do Gramofone para suturar na agulha a «Some of these days» para o Sr. Antoine. Continuei. Olhando. Aqueles que operavam a desordem e os que se acocoravam à queda. Depois daquilo tudo. De ver a Terminal naquele trágico drama humano – saí pela Patrice Lumumba para depois fazer o nó com a Samora Machel e continuar a subir em direcção à Eduardo Mondlane. E sobre a aquela descrição; aquela cuja natureza me força a pensar o absurdo – lembra Camus recolhendo-se como uma aldeã dobrada para pensar Sísifo – com «todo esforço de um corpo tenso, que se esforça por erguer a enorme pedra» como punição dada pela desobediência aos deuses. Mas quem abriria mão de sentir novamente «o rosto deste mundo» dado por uma tensa equação entre o conflito e a lucidez?

Um dia falei com Zizele da possível culpa de Cristo. Possível, não! Da culpa de hoje existir tanto álcool. Afinal – se Sísifo – tão humano como nós sofreu a pena dos desuses – por que ele – o filho de um desconhecido qualquer que nasceu em um Curral não podia sofrer. Deus também é culpado. Como ele apreciaria a mulher de um homem tão honroso como José para engravida-la? A minha sensação de absurdo é deles. Da Zizele também, obviamente. Mesmo depois d' ela ter partilhado comigo Sobonfu Somé. Hoje, penso nela como uma irmã que habitualmente cruza as pernas na Zapata Bar para depois correr os olhos sobre o tronco abafado das pessoas que sobem pela Rua 1 – o Alziro Zarur – com passos de um cansaço cemiterial vindo pelo Cão Latino, hoje Sarambi Bar. A Isadora, filha da Michelle – passa hoje por aquilo que Zizele passou. Daquelas coisas que não nos permitem possuir laços para cobrir a obsessão da longa representação da infância. Como por exemplo – inventar um deus para espantar a solidão da noite ou criar seres para fazer dormir os irrequietos. Um dia – entregou-me à Gilda Portella para uma conversa. Mas que conversa, Zi? Aí a culpa dela. Mas digam vocês, que Cristo não foi bêbado? É possível alguém com tão-complexos dotes transformar água em álcool sem ser bêbado? «Um dia, até o encontraram debaixo do rasto da Madalena» - comentou a Teresa com as mãos a estalejar a sola da cadeira encostada no quadro esquerdo para quem desce para o quarto da Alice, vindo da cozinha.

Digam que vocês não sabiam.

Falsos!

Até aqui, Fernando Pessoa tinha razão. Estamos fartos de semideuses. Os poetas – esses outros prevaricadores – um dia foram expulsos da casa por pensar a vida no grau da sua totalidade. O pretexto foi – querer instituir uma república onde o poema como metáfora de negação do «*logos* calculador» fosse oferenda para o esquartejamento. «Os poetas nada sabem». Desde o Íon, Platão tem essa obsessão pelos poetas. Talvez dele – eu continue gostando da ideia que tem deles. Enunciadores – esses tradutores da alma humana. Mas dizer que eles não participam da *episteme* enquanto lugar da concretização do racional é forçar demais. É querer inclusive dizer que eles são fabricadores de simulacros. Mas, temo ser isso ainda uma verdade – acho que Platão não tinha acesso ao significado da Metáfora. Badiou, nisso parece ter razão: «Platão não consegue sustentar essa máxima até o final, essa máxima que promove o *matema* e bane o *poema*». E eu não sei, mas me parece que Platão não tinha mesmo um entendimento suficiente para perceber que a *politeia* é a centralidade do concreto. Do radical; dessa preocupação que nos interpela ao sentido do humano. E não do *cogito* – desse pensar a vida no embrulho da cognição. Mesmo a arte – na sua mais perfeita realização deixa de lado essa embriaguez. Não. Embriaguez é característica mais realizada de *dionísio* – dessa mitificação que elabora a vida e o concreto dentro da estrutura do possível; dentro desse filho rebelde do *cogito*; da razão; da geometrização do tudo. Até aqui – Merleau-Ponty tinha razão ao fatigar

o cogito para o homem começar pela sua necessidade de se instalar no concreto para invocar a percepção; é na contingência; no estar e na fruição que se elabora toda a arte como um voltar-se para as coisas-elas – esse espaço de forja e da verdade.

Isso chama-se recolhimento. Os pequenos-nadas que alimentam a grande arte. Essas coisas que provam a maturidade do criador. É no recolhimento onde a clausura se traduz em lugar de invenção. Aliás, «da mesma maneira que o artista criativo não está autorizado a escolher, nem lhe é permitido virar as coisas a coisa alguma», a sua condenação; a sua vocação mais elementar é mesmo exumar-se. Olhar para fissura e nunca dar as costas. A estes pequenas-coisas. Hoje – leio Luís Nhazilo. Elcídio Bila. Énia Lipanga, Jusefa Cuna, Melita Matsinhe, Lídia Mathe com sua turma, Virgínia Ferrão e toda uma porção de novos fazedores de textos e sinto a ausência desse lugar de recolhimento que nos permite procurar o caminho ao domicilio demorado do nosso exercício; nesse lugar para o qual corremos para encontrar as pequenas singularidades do nosso rosto. Encontro neles apenas a vontade de dizer; ou como Blanchot prefere: «um talento enriquecido mas outras vezes com a prolixidade de um redito extraordinariamente empobrecedor»; essa tarefa de encontrar alguma luz no caminho – mas um exercício de experimento verbal imaturo; empobrecido; uma incógnita insolúvel. Essa preguiça de ir caminhando com paciente necessidade de regressar e, fazer o mesmo caminho vezes sem conta. Não há coração; não há aquilo que ainda fica guardado em

projecto da vigilância. Essa coisa de «absorver, sem medo, cada experiência que lhe apareça à frente e enriquecê--la para que [cada acto literário e/ou artístico] seja um todo». Esse assombro que se dá como «momento inicial da via de acesso que o homem percorre para chegar» a esse todo da totalidade que a Woolf procura dizer; o da consciência que entra pela via que Sísifo ilustra. A crítica também sofre por essa coisa de nunca se conseguir ir ao distante; dessa coisa que Eugénio Lisboa chama de «fractura dolorosa» e eu – por intoxicação do breve. Prefiro continuar a ler os donos d' «Os Ângulos da Casa» e «As Idades do Vento» como experimentos de poesia que toma parte de uma geração que teve seu toque de começo com Oásis – aquela que para mim demarca o que chamo por Geração da náusea – cujo gráfico do labor estético se afasta dos gloriosos rostos dos anos 80 – deixando-se penetrar por uma circunstância igual a que sacudiu os Dadaístas e não como críticos. E olho hoje - «Entre Margens – Diálogos Intercultural e Outros Textos» da sara Jona e «Geração XXI – Notas Sobre a Nova Geração de escritores Moçambicanos» de Lucílio Manjate não exactamente na categoria de crítica. Mas de um exercício de brincar com o tempo para espantar o ócio – salvo breves e conseguidos achados de terminologia.

E quando cheguei à casa – com os pés gemendo de frio e com tensa mania de bater os dentes com a língua recolhida – virei com uma asfixiada dor de cabeça. Atravessei o corredor sem olhar para o quarto onde a Teresa deitava a cortina com fumaça do Cachimbo a

percorrer o silêncio. Vigilei com os olhos como a Zizele, provavelmente, dobraria a Avenida Edgar Vieira com a Fernando Correa para depois continuar alguns metros com o Instituto de Linguagens. E alí, eu a terminar o corredor da cozinha para o quarto e ela ainda com o pé pela Rua 1 – senti não ter dito o suficiente. Havia bastante chuva na estrada naquela noite. E o meu hábito de prender com a dentadura o último botão para espantar a miniatura do vaco do mangal que desce comigo até a entrada da casa – era insuficiente. E a ideia do *etecetera* [etc...] como metáfora que nos força a pensar o pormenor, faltava. E Sísifo – possivelmente ajudaria a explicar essa ideia. Quem lê por exemplo: *A Verruga de Martelo* de Ganhaguane Masseve – percebe o incestuoso exercício narrativo; um recurso que desafia em estilo e em técnicas muitas vozes consagradas. Aliás, para mim – uma amadurecida elaboração de ir caminhado e ter força de regressar para espiar as sequelas do domicílio. Gonhosa, Maganguissane. Não. Mas João-da-Astúcia parece a síntese da mecânica que entra para casa; para o ethos; para o domicílio e, saí com a fornalha pronta para estabelecer um diálogo entre Benina e Tchalane Mafa-Vuka num aspecto que a Teoria da Narrativa tem discutido: a ideia do ponto focal. De onde eu e a minha voz saem? Recolher os cacos não basta! É preciso dar a eles o sentido. Mas muitos – são ainda de uma mentalidade de território pequeno; de localidade. Imaginemos isso lendo Sísifo. O homem que se esforça por erguer uma enorme pedra, «rolá-la e ajudá-la a levar a cabo uma subida cem vezes recomeçada; vê-se o rosto

crispado, a face colada à pedra, o socorro de um ombro que recebe o choque dessa massa coberta de barro, de um pé que a escora, os braços que de novo empurram, a segurança bem humana de duas mãos cheias de terra».

O que significa para nós: este exercício cem vezes recomeçado? E se não basta para nós recolher apenas os caqueiros. Esse não bastar mesmo – é de ver esse homem «a descer outra vez, com um andar pesado mas igual, para o tormento cujo fim nunca conhecerá. Essa hora [no acto literário dentro do domicilio de demora] que é como uma respiração e que regressa, com tanta certeza como a sua desgraça, essa hora é da consciência». De tomar parte na originalidade do acto. De exercitar a gestação do acto da arte que se operacionaliza com a capacidade de olhar; de não se anular; de correr cem vezes com a consciência de fazer o mesmo caminho para vigiar o domicílio de demora. Exumar-se continuamente. Ir ao exílio – mesmo sendo igual ao do Haile Selassie – o messias do Garvey – o Moisés Negro. Não precisamos pensar aqui o *nacionalismo negro*. Mas até que podemos pensá-lo. Nesse exercício da *Black Star Line* de 1919 – como uma equivalência proximal ao recolhimento. O exílio é fuga, mas é também o momento de provação; de ter coragem para ser e estar sozinho para a reelaboração; essa coisa de «enxugar o texto»; exprimi-lo e depois olhar para ele com exterioridade.

Cristo também experimentou a ironia no topo do exílio. O nosso ofício; nós – os do outro mundo – nós os criadores de utopias e fazedores de caminhos que

ultrapassam a moral estabelecida – a questão continua nos interpelando – aquela que nos desloca para o autêntico. Aqui. Parece que é desta vez que Kwame Appiah se zanga comigo. Mas não. Eu concordo com ele ao pensar o conceito de autenticidade como algo irrealizável para o contexto africano. Uma certa vez, num daqueles espaços de debate e, por sinal era mesmo sobre crítica – questionei sobre qual era o propósito do Movimento da Arte Contemporânea em Moçambique – MOVART. E que sentido este daria para um contexto como o nosso? Aliás, se em outros espaços – a fragmentação da arte; aquilo a que, para uns se pode chamar por morte da arte dá-se pela substituição do heroísmo religioso pela concretização da quotidianidade do sujeito e que, também se rebela com a penetração política para dentro do território da arte dando assim vitalidade àqueles movimentos todos de sentimentalismo de rebeldia – como é que para nós; nós moçambicanos, podemos explicar o conceito de arte contemporânea? Para isto – Appiah tem toda e qualquer outra razão ao questionar dentro dos dualismos: sinceridade como articulação de si-plural para dentro de um específico lugar e, principalmente, quando este certo lugar específico teve o drama de pilhagem antropológica e, do autêntico – como esse outro caminho do artista como rosto que vive dentro de uma meada à margem; uma categórica ilusão de se pensar o si para si nesse insolúvel delírio de criar contusões. O problema era o mesmo: correr para absorver uma concepção de labor estético sem antes compreender sua anatomia. Todos

queriam abraçar o *Mictório* sem antes conhecer Machiana, Mankeu Mahumana, Samate, Idasse, Quehá, Chichorro ou Chissano, Naftal Langa, Nkagala, Govane, Makamo ou, muito menos – as motivações por trás do manifesto do Duchamp ao mostrar este objecto ansioso que ia contra três manifestas linhas: (1): contra a atitude conservadora da National Academy of Design sobre a arte moderna; (2): contra a ganância dos coleccionadores e dos directores dos museus e, por fim, (3): formular a pergunta sobre a noção da arte como é dada pelos «académicos e críticos». Ferreira Gullar questiona quase nos mesmos moldes, deslocando-se, obviamente para a ideia de autonomia da arte em contexto de nações em subdesenvolvimento «na medida em que não permite reconhecer sua condicionalidade social» – embora seja isso uma pura fantasia de arranjo de terminologias.

Ambos forçam a pensar a arte dentro de um contexto-outro. O de reformulação do eu. Realmente. O *New Negro Movement* por exemplo, é expressão acertada disto que Gullar e Appiah procuram. Não. Mas aqui, desloco este mesmo conceito para o lugar de criação; para pensar cada um fechado num «casulo de transpiração» como Alex La Guma diria em «Tempo da Morte Cruel». Mesmo quando se está em um drama colectivo – a pergunta permanece: como encontrar o rosto singular; essa enunciação genuinamente própria – não àquele nosso período pós-independência com a literatura do panfleto que vem com o catálogo da criação de artistas do Estado. Aqui, não. Mas sim – a essa coisa que Barthes fala n' «O Grau Zero

da Escrita». Esse estado germinativo. De escolhermo-nos; nesse ethos – esse estado de demora onde «precisamente [cada um. E é claro] se individualiza; claramente porque é aqui que se compromete». E comprometer-se é dar ao exercício-tudo a resposta e o aprumo que veem do recolhimento – precisamente porque olhou, sentiu e criou; é espreitar continuamente pela janela antes de sair; ensaiar cada passo; subir vezes sem conta a montanha para quando o tempo chegar; esse momento de olhar Zaratustra descendo montanha abaixo para anunciar aos homens o novo «tornar-se humano»; aquele que aniquila e esquarteja Deus – seja a concretização do ser pela palavra; pelo acto artístico. É aqui onde me parece mais clara a ideia de recolhimento.

São tantos os movimentos. Mas como é que será para nós – pensarmos um momento como o da geração 56 que se viu filhos da *Presence Africaine?* Daqueles jovens que fizeram um exercício contrário para encontrar uma forma genuína de pensar? Aliás: Sartre – em resposta ao pedido de Jacques Calmy e Marc Beigbeder – disse no Club Maintenant em París que «a existência precede a essência». E o que será isso de existência preceder a essência para o exercício de amadurecimento criativo? Essa categoria interrogativa de procurar a proveniência do segundo saindo da instância primeira? E a essência – este estágio depois de compreender a subjectividade? Uma vez li em Heidegger – na sua «*A Origem da Obra de Arte»* - um breve, mas condensado livro. Nele – há um conceito utilizável – o de origem como «aquilo a partir do

qual e através do qual uma coisa é o que é, e como é». E a essa coisa que é, e como é – a instância segunda que se chega a ela pelo cogito cartesiano, mas pelo depois de fruir a subjectividade; a concretude; o lugar do domicílio; essa temporalidade da demora. E preceder a essência – é antes dela – se instalar no concreto – nessa coisa a que chamo de *recolhimento*. O acto de demorar no domicílio; de sair e tornar a voltar para espiar as sequelas do acto; estar nesse lugar onde se invoca o caminho para chegar à provação do estrume de novas linguagens; desse cemitério interior para chegar ao que há demais único; de criar essa forma demorada de ser particular. E em muitos – há essa coisa toda de burilar com carência.

Palácio dos negros

Tânia Lima

Ilha de Igoronhon – Maranhão – Brasil

Partimos do palácio dos negros; antes de nosso avô negro e tios negros, jazzistas morrerem nos cassinos da rua grande à beira do rio Parnaíba. Por onde havia poucos contrapontos, os guetos ralos rinhavam a falta de saídas. O que era espaço de jazz virou contraltos, quando o coração de nosso avô [tocador de trompete] parou de vez. Morreu de nada. Coração soprou. Nossa avó que ficou grávida de treze filhos. Recriou-se. No lastimar da sina, disse antes de enterrar o corpo de nosso avô: – "de como se cuidar para viver dessa dor servida e como se viver desse som agudo, dessa cor sem jazz, dessa ausência de festa, dessa pixinguinha tristeza, se eu fosse ao menos, não seria melhor que ter ficado tão sem?" Nunca se abafaram os bemóis na memória do subsolo. Nossa avó desconversou e nunca mais dormiu. Lavou, passou, engomou, mas 'sempremente' soletrava uma ausência de música. Na ladainha do canto, intimava-se com outros conchegos. Meu avô, pelo visto,

não saiu de dentro dela. A música jazzista nunca mais parou de tocar o coração de nossa avó.

O trompete se encantou dependurado como um acervo sem vida. Enlutou-se depois. Nossa mãe, pra fugir das chagas, acabou se indo escapar no Maranhão fazendo fogueira com o sal da ilha e por si aluou ao se casar com nosso pai-índio – homem ferreiro – que só falava em Tupi com nossa gente. Coisa de vinte palavras, pouco menos, talvez. A voz grave pouco sabia de risos. Pregava-nos uns silêncios com cheiro de vestir 'prefume'. Pra costumar nossa prosa, sentia-se que aquilo era sabença de ser índio: usar corais no pescoço: fazia notas para os pássaros. A taba criava limbo de fazer sentimento. Se não aparecia peixe, o trapiche escondia do anzol. Nosso pai raiava sem peixes. Trazia desenredos de nossa mãe [na cozinha] esperando o fogo sem chegar o mar. Fazia-se de silêncios: – "Quietos, sua mãe já vem"! Nossa mãe dava medo na expressão que não se pode nem aqui contar os nomes.

Havia-se na ilha uma mania que nosso pai-índio tinha de criar objetos com ferrugem. Nosso pai reciclava os ferros, criava o som que depois dormia por trás da oficina de catar blues. Começou, de início, o trabalho raspando as ostras, depois a doença do ferro: a ferrugem dos homens. A crosta da ostra sarou nosso pai de ilhar-se ainda mais. Gostava de contar arquipélagos. Palavra que nunca existia no dicionário da ilha de Igoronhon. Um dia construiu um barco quadrado, tecido pelo ferro. Pôs os sentidos dentro do mangue e saiu à procura das mulheres de água doce. Quando aparecia já era para acolher o sal da ferrugem.

Nossa mãe resmungava o raparigamento dele: -“ Onde nunca se viu?”. Ele se riu, depois dormiu! Cavou o mar até entrar navio. E se foi pra oficina fazer boi-bumbá com notas de jazz. Pouco se atrevia a se cantar muito, gostava mais dos guinchos, varrendo folhas de lama. Quando descobria o domingo, punha a família nos lençóis e dentro, o barco quadrado. Parava-se no marítimo um fedor de prefumes de água doce! Só vendo a rumação.

As águas doces são os olhos de nosso pai: dois silêncios, nenhuma palavra a mais. Um dia soletrou pra nossa mãe que tudo aquilo: céu, mangue, rio, barco, ferro, família, ilhas, seria mesmo sua religião? Nossa mãe desconversou o livro razão. Falar traz consequências para o que se dizia: desentortava o rumo. Nosso pai-índio nunca entrou em igreja. No terreiro dos Gunguns se benzia. Tomava passe e posse. Batia-se coco-de-roda pra depois se dançar queto e umbanda. Foi assim que aprendemos a construir religião: dançando umbanda e queto. Todos juntos. Na segunda-feira, nosso pai-índio levava a família pra benzer o rio, abrir os pontos. No domingo, nossa mãe celebrava as sobras de hóstia da igreja. Nosso pai não entrava naquela de jesuítas. E se fincava de fora, girando os mundos sem caminhos. Nossa lembrança esquecia nome de nosso pai. Muito sempre o barco quebrava, nossa mãe rinhava: -já é tarde de agora, homem de deus, para se avexar o mangue? Caminhava de banda com o rio. Pegava a pedra do sal para abençoar os espíritos. Bem naquele meio de águas, rezávamos pra que o barco nunca levantasse do remo. Nosso pai-índio só desaparecia quando a maré

ficava grande, quase semicolcheia. Longe não se avistava mais vida. Alguma memória o mangue trazia. Nossas memórias falavam um 'indioma lama'. Aos poucos, do outro lado da ilha, surgia o palácio dos negros, comido de jazz e ferrugem.

O macaco e a onça[1]

Elio Ferreira

Floriano – Piauí – Brasil

NOTA DO AUTOR.

Esta é mais uma fábula ou conto oral, que ouvi contar na minha infância. Nas noites de lua, sentados na calçada da minha casa, na antiga Rua do Ouro, hoje Rua Fernando Marques, Bairro Caixa D'água, localizado na periferia de Floriano, minha cidade natal. Ali, um grupo de crianças e adolescentes ouvia emocionado a história ***O Macaco e a Onça****, contada pelas pessoas mais velhas, crianças e adolescentes habilidosos na arte do contar. Anos mais tarde, muitas vezes embalei com essas fábulas o sono do meu filho Irapuá e da minha filha Egbara, quando estes eram crianças. Finalmente, chegou o momento de compartilhar em livro escrito a herança dos meus ancestrais africanos e indígenas. Embora a história original tenha adquirido novos episódios durante o itinerário do meu contar, procurei manter a fidedignidade no que diz respeito à moral da fábula, a essência do conto oral. Informo também, que o Volume 1 da presente série,* ***A Rolinha e a Raposa****: fábula do Piauí de tradições africanas e indígenas / Elio Ferreira; ilustração Amaral. Teresina, PI: Ed. do Autor, 2022. Houve um período em que o Piauí possuiu o maior rebanho de gado bovino do Brasil. Contudo, a criação dessas muitas cabeças de gado causou a morte, o genocídio de mais de trezentos mil indígenas entre homens, mulheres, crianças e idosos nas terras do Piauí. Além da violência e escravização contra os milhares de africanos e descendentes subjugados ao trabalho escravo nas fazendas de gado bovino e cavalar deste Estado. Foi nesse período nefasto, que sesmeiros e fazendeiros portugueses e baianos com o apoio da Coroa Portuguesa empreenderam duras guerras, que resultaram no massacre e genocídio da população indígena do Piauí. Hoje a população indígena remanescente do Estado conta com a população de apenas sete mil indígenas autodeclarados.*

1 Fábula do Piauí de tradição africana e indígena

Era uma vez o Macaco e a Onça. Há muito tempo, quando os bichos ainda falavam, correu a notícia na floresta, que um fazendeiro dono de muitas cabeças de gado daria por pagamento o boi mais formoso da fazenda para quem carpisse um roçado de cansanção, urtiga e carrapicho sem que viesse a se coçar uma única vez.

Ao tomar conhecimento da oferta tão desejada, a Onça correu na frente de toda a bicharada. Ela não estava disposta a dividir o apetitoso banquete com ninguém. Disse isso para si mesma. Chegou na fazenda ao romper do dia, quando o sol estava nascendo. Estava ansiosa, com a respiração ofegante. A Onça gritou do alpendre da casa avarandada.

– Oh... Oh de casa! Quero falar com o dono da fazenda.

– Oh de fora! O que lhe trouxe a esta casa, camarada Onça? Perguntou-lhe o Menino, filho do fazendeiro.

– Camarada Menino, eu vim ganhar o boi para capinar o roçado de cansanção, urtiga e carrapicho.

– Quem já se viu isso, camarada Onça? Primeiro o roçado limpo, depois o boi por pagamento do trabalho finalizado.

– Isso mesmo, camarada Menino. Todo o mundo tem o direito de errar. Você não acha? – Fiquei muito Fiquei muito emocionada com a notícia. Ai, que delícia! Um boi todo para mim. Que banquete. Nhang, nhang, nhang.

– Camarada Onça, toda pessoa já errou pelo menos uma vez na vida. Mas “quem paga adiantado, merece ser castigado!” Diz a sabedoria do povo.

– Camada Menino. Você para ser um menino é muito inteligente, um verdadeiro sábio.

O Menino convidou a Onça para entrar na casa. No café da manhã, eram servidos uma colher de farinha e um ovo estrelado. A mesma quantidade seria também servida no almoço. O trabalho era muito difícil e estafante. Durante a carpina, a Onça estava proibida de se coçar, caso desobedecesse a regra, estaria eliminada e perderia a prova. Não ganharia o bezerro.

– Camarada Menino, esta comida é muito minguada. “Não dá para encher nem o buraco de um dente”. Já dizia o antigo ditado.

– Camarada Onça, isto é o que se come por aqui no quebra-jeju, ou seja, no café da manhã de cada dia.

– Que horror! Que crueldade! Mãos à obra. Vamos ao roçado, camarada Onça.

O Menino entregou o facão, a enxada e a foice para a Onça. Ele ficou na espreita, na vigília. A Onça começou a roçar a mata de cansanção, urtiga e carrapicho. Pouco tempo depois, começou a se retorcer de um lado para o outro.

– Camarada Menino, não aguento mais. Minha cauda enrolou-se na moita de cansanção ai, ai, ai. Um galho de urtiga veio de encontro à minha cara, oi, oi, oi. Não sei quantos mil carrapichos grudaram no meu espinhaço, ui, ui, ui.

Ninguém é de ferro. Estou fora desta intriga.

– Então, a Onça jogou tudo para o lado, foice, facão e enxada. Meteu-se a coçar como jamais havia feito em todos dias da sua vida. Pelo menos naquele momento estava farta, não queria saber de boi, nem nada. Queria apenas se coçar e nada mais. E se coçou à vontade.

Dias depois, o Macaco também foi à casa do fazendeiro. Antes, soubera pela bicharada, que a Onça andava de cara amarrada, pois perdera o boi para o banquete tão desejado. O Macaco acordou cedinho, com o alerta da passarada.

– Acorda, camarada Macaco. Acorda, acorda! O dia vem amanhecendo. Era o coro de vozes da passarada. Dormir pode não ser pecado. Mas quem madruga, Deus ajuda. Disse o bem-te-vi.

A barra do dia surgiu no céu. Dali a pouco, seria a vez do sol nascer. O Macaco se espreguiçou, bocejou. Foi até o rio de águas cristalinas, que passada detrás da sua casa. Fez o asseio bucal, bebeu o bastante da água pura e doce. Tomou um banho bem gostoso e asseado. Comeu uma banana e pegou a estrada. A bicharada acenava para ele, com palmas e assobios, desejando-lhe boa sorte. Ele retribuía com sorrisos e acenos para a torcida. A Onça não apareceu. Ficou em casa. Andava zangada, mal-humorada.

No caminho, o Macaco dizia para si mesmo, que aquele trabalho seria muito difícil para um corpo de carne e osso realizar. Ainda por cima sem poder se coçar. Apenas uma colher de farinha e um ovo de galinha duas vezes ao

dia. Pensou nas lições de vida, que recebera do pai, mãe e mais velhos da sua casa.

O fazendeiro era ranzinza, unha de fome. Mas coragem para ele, o Macaco, era coisa que não lhe faltava. "Quem canta seus males espanta". E pôs-se a cantarolar e assobiar estrada afora uma bonita canção do Samba de Cumbuca do Piauí:

Lá vem a barra do dia,
O dia amanhece já,
Ouvi sabiá xô, xô,
Sabiá xô, xô,
Sabiá xá, xá.

– Oh de casa! Disse o Macaco.

– Oh de fora! Respondeu o Menino, que saiu de dentro da casa até a varanda da frente.

– Quem vem daqui é o camarada Macaco. E daí quem vem e o que de bom virá?

– Sou o Menino, filho do dono da fazenda.

– Camarada Menino, bom dia! Muito prazer em lhe conhecer. Como você mesmo está vendo, sou o camarada Macaco. Obrigado!

– Camada Macaco, você receberá por pagamento o boi mais bonito da fazenda para limpar o roçado de...

– Já sei. De cansanção, urtiga e carrapicho sem se coçar, nem mesmo o rabinho. Respondeu o Macaco.

– Isso mesmo. Disse o Menino sorrindo, com o bom humor do Macaco. O Menino convidou o Macaco para entrar. Serviu o café.

– Uma colher de farinha e um ovo estrelado é o quebra-jeju, o café da manhã para limpar o roçado.

– Camarada Menino, esse prato tem muita farinha para pouco ovo. Por favor, ponha mais um ovo.

– Você está com a razão, camarada Macaco. Mais um ovo no seu prato.

– Camarada Menino, agora tem muito ovo para pouca farinha. Ponha mais uma colher de farinha para o camarada Macaco.

Foi assim dizendo o Macaco para o Menino até encher o prato. Então, o Macaco comeu o bastante para saciar a fome. Assim também, pedira o Macaco ao Menino, na hora do almoço. Por favor, ponha mais um ovo, que tem muita farinha para pouco ovo. Ponha mais farinha, que tem muito ovo para tão pouca farinha. E assim por diante.

Na hora de roçar e carpir a mata de cansanção, urtiga e carrapicho. O Macaco passou a conversar com o Menino. Fazia-lhe perguntas sobre o boi, que ganharia ao final do trabalho.

– Camarada Menino! O boi que o teu pai vai me dar é pintadinho por aqui, por aqui, por aqui? Enquanto dizia isso, o Macaco ia se coçando todo pela cauda, cabeça, rosto, barriga, pernas, patas etc.

– Sim. É... sim. O boi é pintadinho assim mesmo.

E assim, perguntava o Macaco ao Menino, quando a coceira lhe tornava insuportável. O Menino sorria das brincadeiras, gestos, caretas e mugangas do Macaco, enquanto ele punha a se coçar pelo corpo inteiro. Finalmente, terminara de capinar todo o roçado de

cansanção, urtiga e carrapichos e recebera por pagamento o boi tão cobiçado.

Quando a Onça soube, que o Macaco havia ganhado o boi. Ela jurou para si mesma, que um dia iria se vingar do Macaco e tomar-lhe o boi, que ela tanto queria.

Mas o Macaco era muito inteligente. Saberia como se livrar das armadilhas da camarada Onça. Veremos isso na próxima história do Macaco e a Onça.

O luar dos sonhos

Cremildo Bahule
Moçambique – África

A menina que está percorrer o caminho chama-se Zena. Ela está de regresso a casa, depois de ter passado a manhã na escola. A cada passo ela sorri quando se recorda de ouvir a professora dizer: «A melhor nota da turma vai para Zeeeééna». E os aplausos dos colegas, só de lembrar, fica tão lindo o seu sorriso. O sorriso dela parece o brilho da lua.

Zena é órfã de pai e mãe, mas tem avó Elvira para lhe amparar e cuidar. Zena vive com a avó Elvira, em Marrere. Zena está na 5.ª Classe. Para além de saber ler e escrever ajuda os colegas a entender a matéria nos trabalhos de casa. Zena gosta de declamar poesia, sobretudo nos dias de festa na Escola. Fá-lo como ninguém. O seu cântico se parece com o de um pássaro multicolor. Os olhos da professora Anifah brilham de alegria e emoção ouvindo-a declamar e cantar. Sempre que chega a casa saúda a avó Elvira.

– Boa tarde, avó. Já voltei da escola!

– Oh minha neta. Estava mesmo a pensar em ti. Como estudaram lá na escola?

– Muito bem. Tive a melhor nota da turma. Estou muito contente, avó.

Zena corre e abraça-se à avó toda emocionada.

– O que vamos cozinhar? Hoje é teu dia de dizer o que vamos cozinhar, menina. Gosto muito das tuas ideias. Se você continuar assim será maior que as montanhas.

É assim que passam a tarde a fazer o prato preferido de Zena, peixe feito com caril de amendoim e farinha de mapira.

Avó Elvira, embora viva em Marrere, nasceu no Distrito de Angoche, na aldeia de Ingurri. Lá cresceu e se fez mulher até casar-se. Veio viver em Marrere quando casou-se com o seu falecido esposo o senhor Mussá Sabonete. Avô Sabonete era um dos respeitados carpinteiros na aldeia. Por isso, avó Elvira ficou muita conhecida em Marrere. Mesmo depois da morte do marido o filho Aly Sabonete continuou a trabalhar na CARPINTARIA SABONETE.

A povoação de Marrere é muito conhecida porque tem uma missão católica bastante frequentada. Muitas pessoas foram formadas em Marrere no tempo colonial. Mesmo no nosso tempo, a missão católica acolhe muita gente e ajuda na formação das comunidades mais próximas. A comunidade de Marrere vive num ambiente de cordialidade e respeito mútuo, independentemente da religião, da cultura e da língua de cada pessoa.

A avó Elvira e a menina Zena, depois do jantar gostam de conversar. Enquanto observam as estrelas a menina

Zena fala-lhe do que aprendeu na Escola. Zena, também, gosta de ouvir as histórias que a avó Elvira conta. Zena com um sorriso amável, pede avó para lhe contar histórias.

– Vovó Elvira conta aquela história do coelho e o elefante. Conta, eu gosto.

– Você gosta muito dessa história!

– Sim, é uma história muito bonita.

– É uma história muito bonita ou você gosta de ouvir as trapalhadas do coelho?

– Gosto das trapalhadas do coelho.

– Tudo bem, vou contar a história do coelho e do elefante

A avó, no seu carácter calmo, da início a sua narração:

«Era uma vez um Elefante e um Coelho. O Coelho perguntou ao Elefante:

– Elefante, esse teu tamanho, qual é a tua idade?

O Elefante respondeu:

– Eu? Você é mais novo do que eu. Sou mais velho.

O Coelho retorquiu:

– Eu não sou mais novo. Nasci há muito tempo. Antes de você.

– Não. – Respondeu o Elefante. – Eu sou mais velho. Logo depois da criação do mundo eu nasci. – Gabou-se o Elefante.

E o Coelho respondeu:

– Uhm! Quando criaram o mundo eu já tinha nascido.

– Não. Mentira, então quantos anos tens?

– Não sei, mas quando o mundo começou a ter capim eu já tinha nascido. Eu era guarda do mato.

O Elefante insistiu:

– Você é mais novo. É criança.

O Coelho negou:

– Não. Nasci há muito tempo.

– Quando nasceu o capim no mundo eu já tinha nascido. Nasci há muito tempoooooooo.

Perante esta discussão, o Coelho começou a chorar. Chorou tanto, até que chamou a atenção de outras pessoas que vieram ao local.

– O que se passa senhor Coelho? Por quê está a chorar? Alguém lhe bateu?

O Elefante, perante a multidão, respondeu:

– Não, ninguém lhe bateu. Mas o próprio Coelho poderá esclarecer as razões do seu choro.

Então, o Coelho disse:

– Lamento muito. O Elefante diz que nasceu no ano em que no mundo começou a surgir capim, exactamente, no ano em que faleceu o meu primeiro filho.

Com esta explicação do Coelho ficou provado que o Elefante, embora tenha tamanho grande, era mais novo que o Coelho. Assim, nomearam o Coelho como rei da povoação».

Terminada a história Zena perguntou a avó:

– Qual é a moral da história?

Avó Elvira com paciência respondeu:

– Esta história nos orienta que ser grande não é ser mais velho. O volume não significa idade avançada. Já agora, queres ser como o coelho ou como o elefante? Te aconselho a não ser como o coelho.

– Yuuuu..., eu... não quero ser como o coelho..., eu nada.... Eu quero ser como o elefante. Quero ser forte e ajudar os outros e não aldrabar aos outros como costuma fazer o coelho.

A avó Elvira sabia que a sua neta é muito esperta. A avó Elvira gosta de ver a esperteza da Zena, principalmente nos casos em que ela tem algumas dificuldades na Escola.

– Você diz que não quer ser como o coelho, mas às vezes se comporta como ele.

– Mentira vovó, eu não sou como *namarokolo*[1].

– Tudo bem, então se queres ser como elefante é hora de ir dormir porque amanhã cedo tens de ir a Escola.

Zena fez uma carreta com meiguice, mas depois levantou-se e foi fazer a sua esteira.

– Muito bem avozinha. Vou dormir.

Zena antes de se deitar dava um beijo na bochecha esquerda da avó Elvira. A avó fazia o mesmo: dava um beijo na testa da Zena e dizia:

– «Durma em paz e sonha com os anjos do céu».

Zena agradecia:

– «Obrigada avó».

No dia seguinte Zena acordou cedo. Varreu o quintal. Tomou banho, escovou os dentes, vestiu o seu uniforme. E foi para a Escola entoando o seu cântico matinal.

Ao voltar da Escola, como habitualmente, arrumava a pasta, passava a sua refeição e descansava. Nessa altura a avó estava na machamba. Depois de descansar

---

1 Namarokolo, significa «coelho» na língua Koti ou Ekoti. Koti é a língua falada no Distrito de Angoche, na Província de Nampula.

fazia os deveres da Escola com os amigos da turma. Em seguida fazia os deveres de casa. A avó Elvira chegava e encontrava a casa bem arrumada.

II.

Certo dia, como de costume, depois do jantar, Zena pediu a avó para que lhe contasse uma história. A avó, na maior simplicidade, apenas disse:

– Eu já te contei muitas histórias. Hoje, não te vou contar nenhuma história.

Zena se embaralhou, pois não percebia o que estava por detrás da postura da avó Elvira.

– Por quê avó? Estás zangada comigo? Fiz alguma coisa de errado. Lavei os pratos e varri o quintal. As galinhas já estão na capoeira. Também fiz os deveres de casa. Aquela papaia que estava no cesto comi à hora do almoço. Desculpe se comi a papaia e não deixei para ti. Mas, tem maçaroca na peneira. Posso ir assar uma massaroca para ti. Ir agora?

– Calma, minha netinha. Não fizeste nada de grave. Eu, tenho um pedido para te fazer.

Com o que ouvirá Zena, se embaraçou ainda mais. O quê é que a avó me quer pedir? Era a pergunta que saltava na cabecinha da pequena Zena. Zena ficou assustada, pois não sabia o que dizer. Desde que Zena perderá os pais (Mariano Sabonete e Josefina Metro) nunca tinha visto a avó Elvira a dirigir-se a ela naquele tom. Com muita calma a avó Elvira dirigiu-se à neta nos seguintes termos:

– Olha minha Zeninha, você é uma menina bonita, esperta e abençoada. A tua professora gosta muito de ti. As tuas amigas, também, gostam de ti. Apenas, te quero pedir para que você me ensine a escrever o meu nome. Eu sei que me chamo Elvira Sabonete, mas nunca escrevi o meu próprio nome.

– ... ?

– Estou cansada de ver os meus documentos com carimbo. Todos cheios de carimbo. Quero escrever, eu própria, com minha mão o nome que os meus pais me deram.

Zena ficou aliviada e com docilidade respondeu positivamente. No mesmo instante prontificou-se a ensinar a avó.

– Ai vovó..., você me assustou.

– Não te assustei minha netinha. Somente disse aquilo que é o meu sonho.

– Não te preocupes avó. Eu vou te ensinar a ler e escrever o seu nome.

Zena estava animada com a ideia de ensinar a avó.

– Eu tenho um caderno novo que não estou a usar. Posso te oferecer.

– Não te preocupes com isso minha Zeninha. Eu já comprei um caderno e uma caneta.

– Então podemos começar amanhã?

– Sim, minha neta. Agora vai descansar porque amanhã tens de ir para Escola.

Zena deu um beijo de boa noite a avó. A avó como é hábito, deu um beijo na testa da sua neta. Zena preparou

a sua esteira e dormiu. A avó Elvira ficou por um instante a olhar a sua neta enquanto ela dormia.

Na manhã do dia seguinte Zena acordou, preparou-se e foi a Escola. Quando estava na Escola, depois da aula a professora chamou-lhe. Ela tinha uma coisa para lhe dizer. Constrangida, sem saber como informar o infortúnio que a avó da Zena tivera, a professora Anifah olhou para Zena e perguntou o seguinte:

– Zena, quando cresceres o que queres ser?

– Quero ser professora como a senhora. Por exemplo, hoje, vou ensinar minha avó a escrever o seu nome.

– Que bonito é o teu gesto.

– Se a vovó Elvira cuida de mim, então eu também posso ajuda-la a escrever e a ler.

A professora Anifah via na Zena uma menina pura e com vontade de ajudar os outros. A professora ficou atrapalhada, pois não sabia como informar.

– Eu sei que você gosta da tua avó. Mas a tua avó...

A professora Anifah hesitou, pois sabia que a notícia que iria dar a Zena seria chocante. Zena pressentia que o que iria ouvir não seria bom. A sua intuição de menina iluminada, lhe dizia que estava para ouvir alguma coisa ruim.

– Professora, o que aconteceu com minha avó?

– A tua avó é uma pessoa muito amável.

– Ela veio falar contigo hoje?

– A tua avó é uma pessoa muito boa por isso... - A professora hesitou, mais uma vez... - A avó Elvira é uma boa pessoa por isso ela foi para o céu.

Ao escutar estas palavras o rosto da Zena desabou em lágrimas. Zena nunca se acostumara com a frase «ela foi para o céu». Olhou a professora e continuamente escorreriam-lhe lágrimas no rosto. Aquela frase já ouvirá quando perderá os pais. A professora Anifah confortava-a com o seu carinho maternal.

– Não chores Zena. A tua avó era uma pessoa bondosa. Ela foi para o céu, onde os teus pais estão. Todos eles estão no céu para te proteger. Eles agora são as estrelas que você contempla todos os dias. Eles farão o céu brilhar cada vez mais.

A professora Anifah confortava Zena. Zena não falava, apenas chorava no silêncio.

– Os anciãos de Marrere me aconselharam a cuidar de ti.

A Professora Anifah abraçou Zena. Pegou-a pela mão e juntas caminhavam com compaixão. Zena com uma voz meiga e lágrimas de cristal no rosto, olhou a professora e disse:

– Minha avó é uma estrela!

– Sim isso mesmo, minha filha.

Zena e a professora Anifah saíram da Escola e foram para casa da avó Elvira. Alguns colegas de Zena acompanhavam-na. Os presentes na casa da avó Elvira cantavam cânticos de louvor e de acção de graças para recordar os exemplos que a avó Elvira deixará para as pessoas da Comunidade Marrere. O padre da missão de Marrere dirigiu a cerimónia. A avó Elvira tinha sido baptizada na Igreja Católica de Angoche, apesar de Angoche ser maioritariamente muçulmana. A mensagem dos anciãos,

quer de Marrere, quer vindos de Ingurri, onde a avó Elvira nascerá, caracterizavam-na como uma grande *theebo*[2]. A avó Elvira era qualificada como uma mãe que fez tudo pelos seus filhos. Agora Zena compreendera porque a sua avó era uma boa contadora de histórias. Zena percebia que a sua avó nascerá numa terra do litoral, onde uma das características principais é saber narrar os factos da vida quotidiana através de contos que nos deixam ensinamentos.

No final da cerimónia, pediram a Zena que dissesse alguma palavra para se despedir da avó. Zena com o rosto carregado de dor e com lágrimas nos olhos, pediu para que lhe entregasse a sua sacola de livros. Da sacola tirou um caderno, abriu-o. E leu um poema:

Avó Elvira
És uma pomba branca
Que de longe iluminas as nossas almas.

Avó Elvira
Os seus braços
Me amparam sempre que preciso.

Avó Elvira
Proteja-nos
Com amor e sabedoria.

Ao terminar o poema, as lágrimas molhavam o seu rosto. A professora Anifah, que assumiria o papel de mãe,

2 Theebo, significa elefante na língua Koti.

limpava-lhe o rosto com uma das partes da capulana. O poema que Zena lerá, foi escrito no dia do aniversário da avó Elvira e Zena já havia lido nessa ocasião.

No final da cerimónia de despedida da avó Elvira, Zena passou a noite na casa da avó, na companhia da professora Anifah e alguns anciãos. Na mesma noite, em que a avó morrera, Zena sonhou com avó, dizendo:

– «Não te preocupes minha neta, voltarei sempre que for preciso. Estarei contigo».

A promessa da aparição da avó Elvira nos sonhos de Zena se repetiu por mais noites, em diferentes circunstâncias.

III.

Passado alguns meses, após a morte da avó Elvira, Zena já vivia em casa da professora Anifah em Muatala. Zena convivia com os filhos da professora como se fosse irmãos de sangue. A avó aparecia, algumas vezes, nos sonhos da Zena vestida em trajes cerimoniais. Das poucas palavras de que ela se lembra da avó são:

– «Vou continuar a iluminar os teus passos. Lembras-te que mesmo os postes elétricos não são da mesma altura dos homens. E tu deves cuidar do poste para que tenha sempre luz».

Zena contava os seus sonhos a sua mãe adoptiva, a professora Anifah. A professora Anifah aconselhava Zena a seguir os ensinamentos dizendo «a tua avó conduz e ilumina o teu caminho através dos sonhos».

Passava as tardes brincando com as filhas da professora e outras meninas e meninos da sua comunidade. Os seus amigos eram bem comportados, conforme os ensinamentos dos seus pais e encarregados de educação.

Porque na adolescência as brincadeiras são várias. Zena brincava com os amigos do bairro até tarde. Já não cumpria com deveres. Começou a faltar aos encontros da Missão, porque se encontrava as escondidas com o menino Ângelo.

Certo dia Zena ficou muito doente e ficou internada por uma semana no Hospital de Muatala. Enquanto estava em tratamento no Hospital, numa das noites sonhou com a avó Elvira. A avó apareceu com vestes escuras e deformada e dizia:

– «Estás doente porque te comportas mal e já não segues a luz dos meus ensinamentos e da mãe Anifah. Lembra-te que quando se apagam as luzes do conhecimento a nossa vida perde luz e brilho».

Zena contou o sonho a sua professora. Esta aconselhou-lhe a respeitar o que avó dizia nos sonhos. Passado algum tempo Zena melhorou e voltou para casa. Em casa se lembrou das diversas histórias que avó contava. Zena lembrou a característica principal da sua avó: é preciso ser uma grande *Theebo* para ajudar as pessoas e não ser como *Namarokolo*.

Zena recuperou a sua saúde, voltou à Escola com frequência e se tornou a melhor aluna da classe. Quando

passou de classe sonhou com avó Elvira «dançando de alegria». E nos sonhos dizia:

– «Minha neta, use os teus conhecimentos para ajudar os outros. A luz que ilumina o caminho é a luz da sabedoria».

Hoje Zena, está no ensino secundário. Ela ensina os anciãos da sua comunidade a ler e a escrever. Ensina os anciãos em língua portuguesa e em Emakhua. Ensina em Emakhua quando eles não percebem as lições em Português. Ao ensinar os anciãos da sua comunidade é como se ensinasse a sua avó que sempre tivera o sonho de aprender a escrever o seu nome.

Zena é uma menina que ajuda as pessoas que precisam dela. Ela é feliz e espera ser uma grande mulher moçambicana. E sempre que Zena está feliz canta para si louvando os ensinamentos da sua avó.

O sonho de Zena é ser professora. O ensinamento que quer deixar para a humanidade é o seguinte: «a verdadeira luz de sabedoria está perto de nós e dentro da nossa família. Não devemos esconder as verdadeiras luzes que iluminam e ajudam o mundo a ser mais justo, verdadeiro e igual para todos».

Seu Quilombino

Anelito de Oliveira

Engenheiro Navarro – Minas Gerais – Brasil

A história de Seu Quilombino cabe na palma da mão. De suas mãos largas, calejadas, de preto da lida. São cinco dedos de prosa bem simples, desenfeitada, tergal. Não tem nada de muito importante, não parece mentira de livro. Exige, todavia, muita atenção. Coisa pra ser guardada.

Ninguém conta melhor sua história que o próprio Seu Quilombino. Todo mundo sabe disso. Porque conta sentindo, sofrendo, brincando. Não tem artifício. Tem um não sei quê de qualquer coisa. Enfeitiça. Sem trejeitos. Assim: no terra-a-terra do encontramento da vida.

Seu Quilombino é sua própria história sem tirar nem pôr. Experiência de corpo. Mostra mostrando. Fala devagarinho, bem devagar, como quem não quer nada. Parece que está dormindo. As palavras girando no meio da fumaça. O cigarro de palha a queimar levitando.

“Humm-rumm! Pois é”

Sacode o corpo como se estivesse despertando. Apaga o cigarro no dedo. Puxa um canivete da cintura. Pega fumo de rolo e palha no bolso da calça. Contempla o horizonte mais longínquo. Recomeça sempre a mesma história que parece sempre outra. Ou não parece sempre a mesma.

“Pois-é-pois-é”

Seu Quilombino começa a contar sua história sempre pelo extremo mais frágil da vida. A partir do mindinho da mão, como diz. Acaba sempre no indicador, acentua. Nesse ponto indica que já não pode mais contar. Tudo já está indicado ali. E seu silêncio grave se dispõe sobre a palavra. Ausências se adensam.

Depois de ouvi-lo, caminhos de sentido se desenham. Saímos da cidade e embrenhamos na mata. Seu Quilombino nos fala de lá. Sua história é, afinal, um mapa. Sua voz transpira corpo. Ouvimos suor e sangue derramando no tronco da memória. Leva todo mundo pro Morro do Gibão, sua casa além da vista.

“Cê vai mais eu?”

Seu Quilombino sempre começa com essa pergunta. Arregala os olhos redondos de preto nagô ou oblíquos de preto banto. Olhos difusos, enfim. Sempre sentado no banco da praça com seu cigarro de palha. Seu trabalho é despachar ausências, diz. Sempre esperando alguém disposto a lhe dar ouvidos atentos. Receber encantos, acentua.

“Vamo? Hoje tem encantação lá no Gibão!”

Encantação era o nome do que acontecia no seu mundo. Onde tudo ainda vivia. Onde outros estavam. O lugar dos lugares lindos. Tanto tempo tinha se passado! Menos para Seu Quilombino. Todo mundo morto. Menos para ele. A encantação tinha se tornado um sinal de abertura de porta do além. Folia, Reisado, Pastoredo. Estremecia. Dava uma baforada.

"A noite soprava estrelas. O Gibão parecia um sonho. Mãe era jardim florido. Pai rabecava a vida. Minha história é longe".

Seu Quilombino ensaia um sorriso. Desiste. Ninguém está interessado. Até porque não tem ninguém por perto. A praça está vazia. Só ele está ali sentado. Sempre ali sozinho. Na solidão suave dos anciãos.

"Mas cê vai mais eu?"

"Pra onde?"

Acha que alguém está lhe perguntando.

"Comé? Sabe não? Pro Gibão!"

Seu Quilombino insiste:

"Vai perder? Encantação! Das boas!"

Seu Quilombino fica horas e mais horas ali. Só falta quando chove. Toda tarde se senta no mesmo banco da praça. Estereotiparam: o banco de Seu Quilombino. Preto velho sem o que fazer, reclamam. Por que não internam?, indignam-se. Seu Quilombino ignora.

"A noite soprava estrelas. O Gibão parecia um sonho. Mãe era jardim florido. Pai rebecava a vida. Minha história é longe".

Acha que tem alguém por perto.

"Cê vai mais eu?"

Nyamatanha

Tsumbe Maria
Moçambique – África

Nasceu diferente, pisava o chão com a pelve, mãos apoiavam o tronco ao deslocar-se num andar rastejante. De tanto ser rejeitado por ter nascido diferente, Mazale decidiu se mudar e esconder o filho, o único. Criou nkali, um recipiente côncavo feito a partir da mistura da argila com a água, posto para secar ao ar e cozido pelo fogo por último. No côncavo barro o filho viveu. Mazale ao envelhecer se preocupava. Procurou uma mulher para o filho, Lili. Era de costume, o dote da tradição fez o casamento sem que Lili e Nhatamanta se conheçam.

Depois do casamento, a casa onde morava com paz não era mais a morada do sossego. Fora do sossego, na espera do marido todos os dias ao acordar reverenciava o chão saudando a sogra, o gesto era a própria dança: inclinação do corpo em direção á gravidade da terra tocando uma vez com o pé direito no chão. Mas o tempo da espera se arredondou, quando a sogra saiu

Lili conversou com pilão e milho. Ritmou os grãos com o canto libertando angústia:

Não vou pilar Mazale.
Hoje não vou pilar.
Diga mama pilar, serrerumbe.
O marido nunca chega?
Enquanto ritmava, um canto dizia:
Estou aqui.
Dentro.
Estou no côncavo barro.

Percebendo a outra voz Lili parou. Pensou nela, vinha de dentro, no interior da casa. Ao procurá-la encontrou, estava no quarto acolhido. No nkali ele estava encolhido na sombra da mãe. "Nhamatanha": confessou para Lili, daí, o amor tornou-se desencanto, o abandonou. Revelou-se ao esculpir o interior. Lili pegou o cabo de vassoura e partiu nkali, nele tocava e dizia: servi tua mãe muito tempo esperando o meu marido não você. Tocou Nhamatanha até no exterior da casa e disse: vejam essa criatura.

Frutos Estranhos

Livia Natália

Salvador – Bahia – Brasil

Southern trees bear a strange fruit
Blood on the leaves and blood at the root
Black bodies swinging in the southern breeze
Strange fruit hanging from the poplar trees.

Strange Fruit, canção interpretada
por Billy Holiday.

No tempo possível,
talvez na chegada da noite enlutada
os frutos estranhos serão colhidos.

Alguém romperá o talo desnatural
que lhes enlaça o pescoço
e lhes suspende como frutos negros,
estranhos,
à beira da clara estrada.
Alguém enterrará fundo os frutos: sete palmos
cantados
num aleluia que abre as portas do céu
como quem mostra o caminho secreto
para o quilombo possível.

No ventre terroso e úmido de breu,
os frutos estranhos criaram raízes enormes
e cresceram altivos, como árvores brutas
que à noite entoam lamentos e juram voltar
numa revoada de violentos fantasmas.

MITOLOGIAS

Para Luíza Bairros (27/03/1953 - 12/07/2016)

Intelectual e feminista negra, militante histórica do Movimento Negro Brasileiro e Ex-Ministra da Igualdade racial.

Ela adentra a sala luzidia
e sua longa asa negra fere o vento.
Parte do que nela brilha veio no porão tombadilho,
parte se fez de estrelas despedaçadas
do que resta, nenhum mistério explica.

Ela adentra a sala e sua voz robusta redesenha o dia.
Dizem que ela engolira pássaros,
e suas penas ficaram para fora,
compondo um sorriso feito de vôos leves.

Ela adentra a sala como uma deusa liberta.
e nas suas mãos se acende um fogo intenso,
nos seus pés moram tempestades,
e ela anda, abrindo com o corpo miúdo,
estradas Ogunizadas na forja da vida.

Um dia, ela abriu uma porta e saiu da sala
como quem vai buscar um livro, e não retornou.
King, Malcolm, Angelou, Lélia. Luíza não morreu.
Cobriu-se do segredo que transforma certos ancestrais,
em Orixá.

A PARTIDA

Para José Carlos Limeira (01/05/1951 - 12/03/2016)

Se Palmares não vive mais/
faremos palmares de novo."

Do dorso do poeta nascem borboletas.
No seu peito, uma selva encantada.
Que serão de suas mãos leves
flutuando no nada?
E seus olhos fechados,
terrivelmente abertos para dentro
como uma porta que batesse sem vento,
como janelas silentes, mal-pintadas.

Que será de sua falta incrustada no vento,
no tempo, nas horas desencantadas?
E as musas vindouras, coitadas,
não terão o dom de lhe fazer nascer,
na língua,
palavras.

O poeta se foi e agora caminha numa nuvem macia.
Recita os poemas de boca calada,
no puro gesto de ser estrela.
O poeta se foi como o fogo, se queimando devorado.
Foi-se, e no ar se move sua ausencia crua.
Foi-se, e as palavras permanecem vivas
Como baobás plantados na nossa alma.

NOMALI

"O filho que não fiz/ hoje seria homem.
Ele corre na brisa/ sem carne e sem nome."

Carlos Drummond de Andrade

Ela não virá.
Sua presença ficará dependurada no céu das possibilidades.
Como a música que leva o seu nome,
ela será bela e fruirá de uma ausência encantada.

Enquanto ela não vier,
flutuará no horizonte uma menina esguia.
Seria aquele o seu nariz?
Teria ela os meus quadris?
Como explicar a ela:
filha, todo amor é por um triz.

Sabemos que ela não virá
e sua ausência preencherá as madrugadas.
Levantaremos com os ouvidos exaustos da ausência do seu choro
dos meus peitos brotará um leite de esquecimento
e cada dia seu será repleto do silêncio deste nome.

Enquanto ela não vier
seu não-ser devastará a terra
e nada mais que se plante, se erguerá

sem que a sombra desta dor marque as colinas.

Nós seguiremos,
e seremos um para outro o que é feito do vento nas Maresias.
A falta dela preencherá todos os dias
e nosso silêncio perdurará como as pedras que ferem a Água,
Até o dia em que,
apaziguada,
ela venha dilacerar o mistério do seu próprio nome.

EROS E PSIQUÊ

E então dei-me conta de que não sei de suas mãos.
Há peso nestas mãos de pássaro?
Há guelras perfumadas como as dos peixes?
Há estrelas, como na sua boca?

Apenas não sei.
Limito-me a saber do cheiro de sua virilha,
De como ficam seus cabelos presos,
nossos sonhos soltos.
Sei já o nome da nossa filha,
cada dobra pequena de nossa música,
mas, de suas mãos, nada vislumbro.

Não sei como se tecem, em fios,
os labirintos de seu destino.
Serão elas quentes quando,

finalmente,
se trançarem nas minhas?

{Sei que elas, quando dormem,
aninham sua orelha
e ali devem filtrar sonhos menores.}

Mas penso se seu dedo mindinho
conversaria com o meu.
Se seu braço guiaria, na frente, os nossos.
Penso na grande lacuna de que padecem minhas mãos,
lançadas ao desamparo de não saber das suas.

Todas as noites explico às minhas mãos
que temos enlaces maiores
e que todo peixe escorrega aquoso por dentro da Água.
Que é assim mesmo,
que elas não se afobem,
que o peixe nada, mas é na barriga das Águas.

Mas não há remédio.

Eu durmo, exausta, e elas permanecem insones, bárbaras,
tecendo um manto inteiro,
todo feito de véspera.

O gigante camalaô

Carlos Emílio Corrêa Lima
Fortaleza – Ceará – Brasil

Vocês vão ver se conseguimos cantar. Nós vimos o padre entra a dunas da costa com a batina já quase marrom por causa da dor do sol. A batina esvoaçava, parecia rasgar-se em muitas asas de pano. O padre parecia alçar vôo sobre todas essas dunas da costa como um urubu engraçado e maltrapilho, o corpo afinal recomposto, todos os pedaços unidos no jeito original. Nós estávamos cantando como agora velhas canções de peixes e nossas vozes se rindo misturavam-se como bem-te-vis aos gritos, à folharada seca de lamentações do padre. O padre era louro, bonito, a gente sabia, continuava o mesmo. Ele nunca parou de se lamentar. Viera de terras distantes, era sempre uma sombra no chão, sempre uma longínqua aproximação. Paramos de cantar as cantigas antigas que o gigante hoje apodrecido na costa do mar nos ensinou quando éramos

meninas. Ah, o gigante Camalaô, o vomitador de peixes, o acendedor de fogueiras! Nosso grande pai do começo do vento. Um dia, já viúvo, no tempo em que nascemos, nosso pai adoeceu. Não comia mais os mariscos do mar, não abocanhava mais as aves do céu, e rejeitava com raiva de trovão a bebida de caju que botara pra fermentar na lagoa e que nós levávamos em alguidares para ele. Nosso pai Camalaô passou a querer comida humana. Foi aquela correria, todo mundo espavorido, o padre tentando suster o atropelo, fazendo tudo para controlar os fiéis sem correção, que não abandonassem a missa em plena eucaristia. Mas quem foi que prestou atenção no que o santo padre dizia quando a mão de nosso pai das dunas e das nuvens ia se intrometendo pela porta da igreja, ia agarrando os bancos de madeira, as imagens, a grande cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo e, furioso, jogava tudo que não fosse feito de carne humana no mato? A cruz enorme ia ficando pequenina no céu, varava silvando um bando de pássaros que naquela hora sobrevoava a cidade e, num grande relâmpago, caía do outro lado da muralha das dunas, dentro do mar. Respingava na praça. O padre Pedro nos amaldiçoava: seus bêbados, seus sem nada, voltem, parem de beber essas águas de caju antigo que os faz avistar esse gigante no meio do ar, pisando na terra, espantador de tudo, ciclone que espanta as gentes do mundo, voltem, ignorantes, voltem pra reconstruir a igreja, subam de novo essas escadarias até a verdadeira boca divina, seus primitivos irrecuperáveis. E isso ele dizia batendo com uma imensa colher num sino de bronze sem

badalo a percorrer s ruas da cidade deserta porque nós todos não tínhamos coragem de voltar para as nossas casas, nó todos estávamos escondidos nas moitas à beira da lagoa. Nunca atendíamos aos seus chamados antes do entardecer. Aí então acordávamos do sono pesado e, com a aragem da terra, voltávamos para Almofala, dançando e cantando palavras profundas para o ouvido do mundo entender. Levávamos tochas acesas com as resinas das terras e fibras das redondezas da região do nascimento. Só terminávamos com aquela procissão, com aquela danação de cantorias e máscaras quando nosso pai adormecia em sua cama no horizonte e o entardecer com seus aromas, com todas as suas chuvas repentinas e mornas, ecoava em nosso coração, bem íntimo. Era mais uma noite de calma e de amor.

O maior ódio que o Camalaô tinha de tudo que havia na cidade era da igreja. Todo gigante tem raiva de igreja e de sinos. Do que eles gostam mais é de comer. É também de ver os rios correndo pro norte, aquela água fria e gostosa molhando o calcanhar. Gigante também não gosta de andar nu. Sente mais frio e calor do que todos os outros tipos de homem. Durante mais de vinte anos, no começo do século passado, nossas bisavós, todos os habitantes da cidade, costuraram fazenda para roupa do gigante Camalaô. A fazenda veio numa fileira de barcos, pelo mar. A primeira remessa mal deu para uma das mangas. Todas as ruas da cidade ficaram atapetadas daquele tecido grosso, que serve hoje para envolver a carga dos caminhões, durante muito tempo, mas ficou

tão sujo de pó que nosso pai Camalaô teve que sacolejar muito, pular até perder a vontade, para o pó sair. Era um pó amarelo, uma espécie de areia boa de se pisar e que formou as dunas que cercavam a cidade. E quando ele pulou, feito uma criança levada, por mais de seis meses, que até o istmo da capital, a Terra tremeu demoradamente pela primeira vez. Os outro seis meses foram de descanso, do tamanho da aurora boreal e durante esse período de treva e tranquilidade, de nuvens espessas pairando sobre o mundo muita coisa boa e daninha nasceu. Foi por aí que chegou o vigário à mando da arquidiocese e nos incitou a construir a igreja com a areia daquelas dunas e com as pedras do Serrote do Mar de Jericoacoara. Quando Camalaô acordou, não notou logo a mudança na cidade. Como todos sabem os gigante não ouvem nem veem bem. Foram precisos muitos e muitos anos pra que ele pudesse entender o que havia acontecido. Só em 1912 foi que ele descobriu que uma paróquia com padre permanente, igreja, batizados, casamentos e cemitério estava funcionando em Almofala há mais de trinta anos. Descobriu talvez pelo cheiro. Aí ele, enfurecido, afastou-se na direção da Serra Grande como se não mais pensasse em voltar. Fez-se um silencio de morte. O vento parou. Muitas tropas de moças e rapazes vestidos com roupas coloridas foram mandadas para aquelas bandas pra que perto dele cantassem, dançassem e o fizessem voltar estimulado. Foram trezes expedições fracassadas, O gigante só voltou quando quis. Ficou lá, nos velhos montes, imerso na folhagem. Época de aguaceiro.

Por esses tempos o padre nos enviou todas as novas coisas. Nos aconselhou de parar de beber nossa bebida, nosso sangue. Mas como poderíamos parar de beber nosso sangue confirmado, se isso era contra ao primordial de todas as coisas? E por não beber nosso sangue ele jamais pode ver e acreditar no gigante nosso pai Camalaô. Para ele era o vento e as dunas, que, lentamente soterravam a cidade. Nossa cidade branca, nossa miséria de ouro.

O padre Pedro não quis sair da igreja, no dia do último dia: a igreja é o meu navio e do alto daqui da torre bramirei contra as dunas revoltas. O gigante estava muito doente, só fazia se arrastar, era um chiado de sêca, foram os meses de maior estiagem. Nos dançávamos, entoando as cantigas que ele nos ensinou, ao som do pilão. Todos naquela triste animação, O padre sozinho, no telhado da igreja, gritando, pregando em voz alta contra o rito profano. Foi também o tempo das extensas caçadas, dos preás, dos tatus, dos tejos, dos veados, das onças amontoadas em pilhas nas ruas de Almofala. Tudo para o gigante comer. Todos os bichos caçados a arco e flechas em dias de sol e calor, quando os arbustos secos começam a queimar. Toda a caça para a boca do mundo. Nosso pai rejeitou tudo. Até a crianças que abortávamos pra ele comer. Não queria também o corpo dos mortos. Camalaô deixou de ser nosso cemitério. Foi morrendo, morrendo, e se dissolvendo naquela areia de era feito o corpo dele. E cada vez maia o vento começou a soprar. O pó nunca mais parou de invadir a casas. A última vez que vimos Camalaô se mexendo, foi em 1930 quando a espiga lisa e prateada, que tinha desenhada nela Zepelim, leve e

enorme, pairou sobre a cidade. Foi baixando, baixando e quase tocou, quase ancorou na torre da igreja. Vinha do outro lado do oceano, das Europas, das terras do padre Pedro. Ele parecia um macaco saltitante, o padre Pedro, de braços elevados na direção da coisa voadora; tirem-me daqui, levem-me daqui, socorro, pelo amor de Deus. Nós havíamos cercado a igreja e muitos homens já subiam pelas escadas de caracol armados de cacetes e facas pra acabar de uma vez com o padre que irritava nosso pai de nossos ímpetos herdados do cataclisma.

Estávamos enfurecidos.

Lá de dentro da coisa prateada que tinha a forma dos charutos que o padre Pedro fumava, jogaram uma escada de corda que oscilou no espaço. O padre, desesperado, com a batina esvoaçando, na ponta da cruz de ferro enferrujada pela voz do mar tentou agarrar a borda da escada. Mas, como o vento era forte, a escada sempre ficava no lugar errado e o padre não conseguia pegá-la muito menos nela se agarrar. Então, ele, num derradeiro arremedo de força, tentou desligar-se da força da terra e por pouco não alçou vôo. A gritaria nesse momento estalava, era enorme. Todo mundo dizia, vai voar, é agora, é já. Quando, suvemente, ele pairou no ar, pra depois despencar no meio do espanto, feito um pássaro atingido, mas batendo no solo com um estampido de sapo. Foi aí que nos vimos naquela tonteira toda, o mundo girando, as dunas, as casas, as ´árvores, tudo variando de tamanho, de cheiro, de tom, a mão peluda de nosso pai Camalaô tentando pegar naquela coisa voadora de

prata mas sem obramento. A coisa já ia longe, lá para os lados do Camocim, para a foz resplandecente do rio Coreaú enquanto os urubus iam começando a bicar os pedaços do padre que havíamos esquartejado com todo o furor. Lá de cima, muitas cabecinhas acenavam com lenço e bandeirolas, do navio voador. Aí nosso pai começou a estertorar, a soprar com tanta força, que naquele sopro, naquele redemoinho tudo se foi cobrindo de areia. Camalaô virou primeiro ruína, depois se desmanchou. Sua alma soprou sobre o mundo. O céu ficou de outra cor.

Hoje tudo é sepultado, tudo está debaixo ds dunas. Nós duas viemos de lá, da cidade soterrada, pra ver se conseguimos cantar. Nós é que sobramos. É que podemos ainda ver muitos navios, beber da água de muitos cocos. Todos os dias, na hora do maior sol, o padre louro, zangado, se aproximava da gente, sem nem sequer no tocar, apesar de ser esse seu único e simples desejo. A batina esvoaçando, o corpo recuperado, tentando voar. O espirito que guarda contra os ladrões e bandoleiros as imagens por lá escondidas. O mistério fechado e completo. E como sempre, como da premeria vez, ele não nos espantou nem nos amedrontou. Foi com o vento, ondulou a palma do coqueiro. Rimos e cantamos, vocês vão ver, como dois bem-te-vis chilreando ao som das violas que dedilhamos nas noites sem ´águas, bebendo essa bebida sem

Almoço em família

Jurema Oliveira
Rio de Janeiro – Brasil

No próximo domingo vou conhecer minha futura esposa. Um mulher negra, de cabelo black e olhos pretos como uma jabuticaba. O que mais me deixa fascinado é o seu sorriso, um sorriso largo de alguém que diz sempre sorrindo: gente nasceu para ser feliz. Você deve está achando que sou um homem apaixonado e sou mesmo, mas ainda tenho muita coisa para preparar antes do encontro. Como é de costume faço feira aos sábados, pois durante a semana tenho pouco tempo e o tempo disponível me dedico às conversas por aplicativo com Marta Maria. Nossa primeira conversa em um aplicativo de namoro se deu em uma noite de sexta-feira em que não havia nada de especial para fazer e eu não queria sair, pois já ando cansado dos bares e das minhas noites que sempre terminam com alguém que nunca vi antes e que provavelmente não verei no dia seguinte. É claro que desejo rever as pessoas, mas elas nunca querem contatos futuros, enfim

sou romântico demais para me adaptar as novas formas de relacionamentos, mas decidi visitar um aplicativo de namoro. Inicialmente, me senti deslocado sem grandes perspectivas, mas .....Preenchi meus dados procurando dizer exatamente quem sou para evitar qualquer mal entendido. Nome: Antônio Carlos Novato, idade 35 anos, cabelos pretos, altura 1,80 de altura, raça negra disponível para conversar com mulheres. Na primeira semana conversei com mulheres de todas as idades e de vários países. Certa tarde, eu ouvi um toque do aplicativo, abro e tenho uma surpresa lá está Marta Maria com aquele sorriso encantador. Em um primeiro momento relutei, porém resolvi abri uma exceção, já que à tarde não costumo conversar no aplicativo. Enfim...

Antônio Carlos - Olá tudo bem?

Marta Maria - Tudo e você?

Antônio Carlos - Estou bem e muito surpreso com seu toque no meio da tarde. Você está em casa? Em seu perfil havia uma informação que só costumava conversar à noite, inclusive dei um like.

Marta Maria - Então como você foi o primeiro a dar um like abri uma exceção ...

Antônio Carlos – Ok, então pode marcar um horário para conversarmos hoje?

Marta Maria - Sim. Que tal as 19h00?

Antônio Carlos – Ok. Combinado.

Passei toda aquela tarde lembrando aquele sorriso imaginário. À noite como havíamos combinado, acessei o site de namoro para trocar as primeiras palavras da noite,

porém para minha surpresa não consegui localizá-la, mas o sorriso estava lá...

No dia seguinte recebi uma mensagem dela pedindo desculpas e querendo conversar pelo Skype. Aí começou meu sonho e o desejo de conhecer minha futura esposa. Conversamos durante três meses. Depois dessa longa convivência via Skype devo confessar que já sonhava com o sorriso e acordava em êxtase. Então, decidimos nos encontrar. Naquele domingo acordei pronto para realizar meu desejo. Romântico como sou, fui à loja de flor comprei um buquê de rosas brancas e uma caixa de chocolate. Cheguei à casa de Marta Maria às 10 horas para o almoço em família. Toquei a companhia da casa e fui recebido pelo sorriso sempre presente nas conversas mantidas com Marta Maria.

Marta Maria: Bom dia, tudo bem?

Antônio Carlos: Bom dia, Marta Maria. Eu estou bem e meu sorriso como está?

Marta Maria: Seu sorriso?...

Antônio Carlos: Sim, meu sorriso.

Naquele momento, tive certeza que a minha futura esposa não era Marta Maria, mas sua mãe com seu sorriso familiar sempre presente nas conversas que mantive com Marta Maria por Skype. A sala era ampla como eu imaginava e eu fiquei encantado quando olhei de perto aquele sorriso, o mesmo sorriso que acompanhou as nossas conversas por Skipe durante três meses.

Tutano de boi

Itamara Almeida

Assú – Rio Grande do Norte – Brasil

"1, 2, 3, 4, 5...50! E lá vou eu".

O terreno tinha muitos metros, minha vó já havia varrido todo desde as 5h da manhã e desde a 6h estávamos trafegando nele. Corpos velozes e suados se espalhavam por vários pontos do terreiro: uma pilha de tijolos que nunca foi usada encostado no final da cerca de vara e arame farpado; entulhos aos montes, denunciando a falta de saneamento básico no meu bairro; uma brecha na cerca que dava para o quintal da vizinha; um tanque seco com laterais altas; um beco com medicamentos/plantas, o lugar mais perigoso para se esconder, se a gente quebrasse uma única folha de hortelã era certo que toda a brincadeira acabava; não um, mas dois pés de umbu, copados, altos e cheios de lugares estratégicos para quando fossemos descobertos e por fim, um pé de juazeiro, impossível de subir, mas com um tronco capaz de encobrir ao menos três pivetes espremidos.

Minha vó chamava para o almoço, mais bocas que pratos e colheres existentes na casa e nos reversávamos entre quem comia e quem esperava, não sem briga, é claro, principalmente quando era dia de tutano de boi e ficar sem colher significava perder o pinga-pinga da gordura que meu vô provocava ao bater com uma pedra na cabeça do osso. Quem ficava sem colher, às vezes meu vô deixava abrir a boca em baixo do pinga-pinga de gordura e quem tinha colher, formava um círculo em volta de meu vô e desordenadamente brigava para ver qual colher enchia primeiro. Quando cessava o escorrer de gordura, meu vô pegava novamente a pedra e batia mais umas três vezes na cabeça do osso e novamente escorria mais e mais gordura e repetia as batidas até que o osso estivesse meio frio e nós completamente engordurados até os cabelos.

Mas não terminava aí, ainda era preciso chupar o osso e meu vô, como homem e como "dono do osso" chupava primeiro, depois nos dava para completar a briga pela chupada final no osso. Todas as bocas de todas as crianças passavam por aquele osso, até ele ficar completamente frio e insosso. Minha vó guardava o osso, era grande e pesado e servia para vender.

Nós, lavávamos as mãos apenas e corríamos para o terreiro aos gritos de "sem correria, menino! acabaram de comer comida pesada". Meu vô dormia depois do almoço e vó ficava ocupada demais para nos pastorar e nós, contrariando as ordens de nosso vô gastávamos toda aquela gordura do tutano de boi correndo pela imensidão do terreiro da casa de minha vó.

- 1, 2, 3, 4, 5....

REFERÊNCIAS

ÁDNA. Leila. **Fênix**: um recomeço. Macau, RN: RN Econômico, 2008. p. 96-97.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagem metodológica na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, p. 523-740, set./dez. 2012.

GETÚLIO, Moura. **Instinto reverso**. 2. ed. Macau, RN: Imperial Casa Editora da Casqueira Macau, 2a edição, 2015.

MAIA, Márcio. **O destemido Ben e as tarefas do terror**. Macau, RN: Manso Artes Grágicas Ltda, 1998.

MAIA, Tião. **Chave de sexo e outros contos**. Macau, RN: Trupe Mambembe, 2014. p. 115-117.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva.** 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2016.

NÁSSER, Daniel. **A Ordem da Rosa Branca**: o destino final dos deuses. Macau, RN: Imperial Casa Editora da Casqueira; Offset Editora, 2017. p. 169-170.

OLIVEIRA, Aldenira de. **Metamorfose**. Macau, RN: Imperial Gráfica Editora da Casqueira, 2013.

PAIVA, Horácio. **Navio entre espadas**. Natal, RN: Imperial Casa Editora da Casqueira; Sebo Vermelho, 2002.

PASSEGGI, Maria da Conceição; VICENTINI, Paula Perin; SOUZA, Elizeu Clementino de. (org.). **Pesquisa (auto) biográfica**: narrativas de si e formação.1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2013.

VICENTE, João. **Olhos Ateus**. 1. ed. Macau, RN: Imperial Casa Editora da Casqueira, 1998.

O sangue de papai verde

Paula Tavares

(Angola)

A avó usou a faca de rasgar a pele da papaia verde. Não nos pareceu estranho aquela faca espetada no coração da avó a espalhar um cheiro de papaia verde, amargo e doce a encher a casa de tristeza e ausência logo no princípio. A avó gostava muito da faca e todos os dias a usava para fazer sulcos muito direitos em todas as papaias verdes colhidas de véspera, para sangrar os frutos alinhados por tamanhos em cima das prateleiras da despensa.

Quando acordávamos já a avó tinha terminado há muito a sua primeira tarefa da manhã, colher o sangue da papaia verde, começado ainda no escuro. Nos nossos ouvidos havia uma música doce o som da faca a rasgar a pele dos frutos da papaia verde. Só nesse dia e olhando a avó percebemos o cabo de osso da faca de três cores diferentes, entre o cinzento velho e o negro,

fixado a espaços por tachas de latão amarelo. A faca estava muito gasta e afiada das tarefas de raspar, mas isso agora não podíamos ver tão fundo repousava a faca no coração da avó.

A avó morreu naquele dia e não numa sexta-feira como estava previsto pelo menos pela Dona Helena, nossa adivinha e curandeira privada, ela e a avó a dividirem a vida em partos, águas a ferver, panos brancos, chá, seiva de piteira e ciência da vida. Também os segredos mas esses eram ainda do armário e património da família.

A avó ganhava da Dona Helena em duas coisas: era pequena e muito seca e por isso vivia a vida tão depressa que os nossos olhos não tinham capacidade para acompanhar as mil mãos da avó a colher as frutas, cavar a terra, distribuir a comida, tantas coisas ao mesmo tempo. Para ela a vida parecia não ser difícil, cortava a direito. A segunda era a faca.

A Dona Helena era muito gorda, movia-se devagar como se o dentro e o fora do seu corpo enorme se movessem a dois tempos desencontrados. Os pés grandes obedeciam a antiquissimas ordens passadas de boca a ouvido entre vários mundos. Depois não tinha a faca. Rasgava a pele das papaias do seu quintal com o raspador do limão ainda por cima torto pelo uso e que tornava a pele da papaia rugosa e áspera e não permitia que o leite amargo escoasse segundo os preceitos da terra e da avó.

A Dona Helena só não costumava enganar-se no dia da morte de cada um, sobretudo se houvesse fotografias. Olhava atentamente os retratos, mesmo das pessoas

mortas e dizia com precisão o dia e a hora da morte de toda a gente. Até bicho, quando era de estimação podia ter da boca da Dona Helena a sua certidão de morte.

Era então que ouvíamos a avó rir. A avó poupava o riso como tudo na vida : saia dela, duas saias para as tias, camisa de homem, viravam-se os colarinhos e os punhos, arroz ao almoço, pastéis de arroz ao jantar. Com o riso era ainda mais rigorosa .

A faca e a avó pareciam pertencer-se, tão bem se tinha encaixado no peito seco, quase de pássaro (esta mulher voa, pensávamos nós de vez em quando, pois ela aparecia nos quatros cantos da terra, toda a terra que conhecímos à época).

As serras a toda a volta cercavam-nos o olhar e crestavam-nos a pele de frio. Por todo o lado pequenos rios de que só conhecíamos a nascente e o súbito desaparecimento na época das secas. Nesses anos deitávamos o corpo sobre o leito dos rios e deixáva-mo-nos crescer um pouco à força do calor da terra.

A esperança era vaga mas os outros miúdos passavam as histórias dos avós e assim deitados sobre a terra quente ouvíamos vozes e um friozinho de ilusão de estar suspenso entre este mundo e o outro.

Talvez nos faltassem asas mas o que queríamos era o dentro da terra e descobrir o princípio e fim de tudo.

Por isso nos parecia tão normal, naquele dia, a avó e a faca assim tão uma da outra mortas, prontas para repousar debaixo do leito do rio. Do coração da avó não

brotava nada, mas um cheiro espesso a mamão e leite invadia toda a casa e o quintal.

A Dona Helena chegou depois com um choro alto numa língua que ela e a avó praticavam muito ao serão enquanto as mãos rápidas de uma inventavam a roupa, saias desfeitas e multiplicadas, calças viradas calções e bonés e as mãos lentas de outra faziam anjos, noivos, frutas e casinhas de massa-pão.

A avó e a Dona Helena tinham partilhado a vida assim de forma simples a pão e água um filho por ano (até aqui a avó ganhava porque tinha dois filhos nascidos no mesmo ano, um em Janeiro e outro em Outubro os quase gémeos na linguagem do Muvi que tinha feito um voto especial de protecção para estes gémeos especiais), da mesma maneira que agora partilhavam os óculos. O dinheiro não era muito e os óculos passavam de mão em mão.

De vez em quando esta rotina da tarde era preenchida a fazer espantalhos. Era quando a massambala atingia para aí um metro de altura e as pequenas e tenras espigas faziam a sua aparição. Para nós era um tempo feliz de brincadeira e descoberta do corpo, para as mais velhas era o tempo dos espantalhos: muito direitos, simples, em cruz para a avó, complicados, gordos, perfeitos e bem vestidos os da Dona Helena. A Dona Helena gostava de espantalhos a avó não.

Partilhavam com fúria um passado que as devorava, feito de conquistas da terra, que a menor chuva tornava selvagem, plantar café no terreiro das cobras, salvar das

crianças os pequenos frutos da árvore das tangerinas. Depois havia Orlando, o boer sobrado de uma guerra antiga e que avó encontrara um dia enovelado de feridas debaixo do alpendre. As duas encarregarm-se das feridas da fome e da roupa e o monte de trapos (falava a mesma língua de trapos e uma outra aos estalidos que também fazia rir a avó) foi-se desenrolando e transformando em pessoa forte e capaz de ajudar nas lutas das mulheres contra o mato. Muvi dizia «isto não é bom, não é nada bom».

Da varanda da avó Orlando passou para a casa da Dona Helena e foi ficando. Foi a partir daí que a Dona Helena passou a ter todos os anos miúdos claros com olhos de cor diferente e muitas sardas. Orlando sabia de vacas e o rebanho das duas aumentou. Domesticava todos os bichos e foi dessa maneira que (contava o Muvi, nas noites de insónia e liamba) começou a domesticar a Laura a louca da aldeia. Risos pequenos alargarm-se durante certas noites enchendo o céu de estrelas. A Dona Helena passou a ficar muito mais tempo com a avó e o Orlando a descuidar o curral dos Bois. No dia do cometa a avó e a dona Helena vestiram as roupas de domingo e sairam para a cascata com a faca da cozinha da Dona Helena. Orlando foi encontrado morto no dia seguinte junto à lagoa. Estranhas marcas na pele fizeram com que toda a gente, excepto o Muvi, dissesse que só podia ter sido a surucucu, com seus dentes de faca e seu veneno forte.

Depois a Dona Helena casou com o Zé Padre e continuou a ter filhos, um por ano, escuros e de olhos castanhos.

De Orlando ninguém mais falou. No dia em que a avó morreu a Dona Helena pediu para que ela fosse enterrada debaixo da árvore das mangas juntamente com as facas. Estranhámos estas facas no plural mas o que a Dona Helena dizia era mesmo para se escrever.

Desvão

Maria de Fátima Batista Costa
Pernambuco – Brasil

DECISIVAMENTE não era história de grande valia. Anos e anos sendo assaltada por imagens de acontecimentos corriqueiros e esdrúxulos que teimavam em não recuarem para o oco do nada onde se origina a memória. Protelou o quanto pôde. Renunciava escrever, mas a luta era vencida pela insistência de imagens vivas, mais vivas que seu corpo no instante mesmo em que respirava. Um lampejo de uma camisa velha de mescla da qual só aparecia uma manga, um vestidinho amarelo com florzinhas azuis, uma mulher equilibrando crianças e latas numa posição vertical improvável, café cheirando em algum lugar, algodão florando em algum lugar, roupas estendidas ao correr da cerca, homens rezando, bois e vacas encaretadas urrando em volúpia fulgurante ameaçando subir calçadas e arrombar portas. Vacas de olhos esbugalhados por arame farpado; mortalha azul de bebê morto sobre o *bureau*, grito aflito de mãe, lamparina, a vela acesa jamais

vista, caixãozinho minúsculo esperando frágil corpo hirto de coisa desconhecida da qual seria feita sua vida para sempre. Qualquer movimento fino nos dias trazia à baila relâmpagos de tempo e acontecimentos (in)existentes. Terei inventado tudo? Vivia se sentindo um pouco dormente com uma sombra frangeando as lembranças, tingindo de ontem o dia de hoje e de amanhã os antigos dias. Tinha prometido não explicitar aquelas memórias que pareciam ter saído de um folhetim desgastado, perdeu a promessa. Vai dia vem dia e as palavras se iam uma a uma numa conversa à toa, numa borda de livro, num rol de feira e deveres, na caixa de fósforo, sempre saindo anunciando desastre. Por mais que disfarçasse, os pés da rã, gélidos, ficavam à mostra, finos, pálidos e ágeis, sempre lá, as imagens. De vez em quando colocavam a fuça de fora, numa frase, numa súbita visão que trazia para o presente os flutuantes instantes dos sonhos ou dos dias ordinários. Aquela noite voltava sempre em segredo. Uns sentados na calçada ainda quente, outros deitados velando a noite. *Começou*. Dava para sentir a hesitação dos ouvintes que se espremiam nos tamboretes rangedores. Na calçada, um medo de cortar de faca era o comum afeto. Só não iam embora para não desfeitear o dono da casa, senhor respeitável e nobre, correto e trabalhador. Ele era feito daquilo que faz com que alguém seja aceito na vida. Há algum tempo vinha apresentado alterações, às vezes parecia até outra pessoa. Falava coisas incompreensíveis, sem elo com outras, falava sem parar por dias seguidos, depois emudecia e não tinha jeito, depois voltava a

carga toda de palavras, até que de uma hora para outra passou a assoviar, coisa que sempre repetia ser ação de desocupado, preguiçoso, desordeiro, ladrão. Pois bem, aquele homem vivia como vivia toda a gente, ocupado com o trabalho iniciado e terminado com o sol. Arar a terra, plantar, roçar o mato, cultivar, colher, amargar a chuva e a falta dela que de tempos em tempos combinavam de devastar pelo excesso de sol ou de água quaisquer resquício de esperança que pudessem ter. O povoado com cinco casas com cerca de 30 habitantes, a maioria mulheres, crianças, alguns jovens e trabalhadores que chegavam naquele fim de mundo sem saber como. De dia restava ali o cuidar das coisas, dos animais, bodes, galinhas, porcos, e algumas rezes para o leite das crianças e velhos. De noite, iam de casa em casa ouvindo uns as histórias dos outros, histórias pisadas e repisadas, de aventuras fantásticas vividas por parentes dos quais só restavam palavras no imaginário daquela gente quase translúcida de magra. E havia em quase todas essas histórias a presença dos parentes que eram ricos e gordos, corretos, mas não sabiam falar, era uma tragédia. Se nascesse gordo, não falaria, morria inevitavelmente, e não se sabia como, de uma hora para outra. Ninguém descobria. Aquela gente falava sem parar, inventando histórias de grandeza e princesas e gato que cagava ouro e botijas recheadas de dobrados de ouro, tão reais nos sonhos que todos, todos sonhavam o mesmo sonho. Mas havia os que não falavam e que não se sabe se sonhavam já que estavam mortos. Aquela era a história de suas

vidas que aquele homem, o mais velho de todos sempre principiava contar e quando chegava àquela parte, logo se calava e todos iam embora. E no outro dia, todos já haviam esquecido e voltavam à roda das obrigações, até aquele dia de ranger de tamboretes. Pois foi ali, bem no meio daquela calçada que se deu. Aquele homem, que todos respeitavam por suspeitar demais, chorou. Fui eu quem degolou o filho e os gordos todos ....

O segredo

Fuga

Zuleide Duarte

Foi-se a mãe, mal nascera. O pai, ao 23 anos, mal acabaram os ritos, abalou para lugar incerto e não sabido. A menina ficou para os avós. Afinal, não se tinha casado para cuidar de criança. Nem olhou pra trás. Onde o grande amor que o fizera largar o seminário e casar tão rapidamente? Amava a Fátua. Ela morreu e levou o amor. Não se sentia pai. A vida cobrava ação. Naquele país empobrecido, miserável, meninas só estorvavam.

Abriram-se a casa e o perdido sorriso. E nem era domingo.

Na América dos sonhos fez-se apreciar. Forte, disposto, sozinho. O trabalho não dava trégua, mas sempre podia juntar uns cobres. Não tinha tempo pra pensar. Vivia afastado. Só aos domingos reunia- se a um outro camarada para um carteado. Tempo de jogar conversa fora, de exercitar os músculos nos esgares que antes eram sorrisos. Só aos domingos comia inhame e às vezes mingau de gari. O estômago afizera-se a latinhas e pacotes. Fritos,

desidratados, gomos, açucarados, gaseificados. Perdera o gosto do pequeno peixe na brasa, do milho para roer espigas. Gosto era luxo. Na terra dos outros é trabalho e servidão, embora se achasse livre.

E o amor? Coisa de livro. Tenho pouca leitura e não gramo o cinema. Mulher? Filho na certa. Elas se enrascam e me deixam a bronca. Não há tempo para amor/filho. A casa nem tem lá dentro. Tô bem só. Aproveito o domingo.

Com as levas de migrantes, bateram-lhe à porta.

Memórias Escritas

Janaina Ferreira
Pernambuco – Brasil

Aqui estão memórias fiéis e infiéis aos momentos e às maneiras reais como aconteceram. São recordações desde quando eu tinha quatro anos de idade, são lembranças que se cravaram em meu corpo e se diluíram formando identidades e versões necessárias, verdadeiras ou não, para cada fase da minha vida. Na minha casa, como na maioria das casas brasileiras, as memórias se intensificaram com a união inter-racial. No caso, uma mulher branca, bisneta de um senhor de escravos, e um homem negro, bisneto de sujeitos escravizados. A tensão, nesse exemplo, dá-se pelo fato de eu ser fruto dessa relação, pois, desde pequena, descobri-me mulher negra, e essa descoberta é presença inapagável em todas as minhas relações.

Dessa forma, foi mais fácil identificar-me com minha família paterna do que com a materna. A cor da minha pela e a pobreza serviam como um fio visível que nos interligava. Assim, fiquei cada vez mais distante do outro

lado de mim: dos brancos. Queria apagar suas marcas de nossas vidas. Mas, no meio de todo esse ódio, existiu alguém que foi minha boia, meu salva-vidas, esse alguém é minha mãe. Uma mulher considerada branca, no Brasil, a personagem principal dos meus sonhos. Neles ela não era a minha mãe: eu é que era ela. Refazia-me com seu rosto, sua boca fina, seu cabelo liso e sua pele clara. No meu mundo onírico, eu era a minha mãe. Possuía e dividia com ela o mesmo corpo. Para a menina negra que fui, tudo era muito confuso. De um lado, não era reconhecida pela família de mãe por ser negra. Do outro, vi meus irmãos mais velhos serem mais amados pela família de pai pelo fato de não serem tão negros. Quando meu irmão foi apelidado de Bilu, em homenagem a alguma passagem da Bíblia, eu fui chamada de negona porque minha avó descobriu na igreja que meu nome é um dos nomes de Iemanjá, a rainha das águas.

Meu cabelo tinha cachos difíceis de controlar, minha boca era a mais volumosa. Meu nariz e olhos eram parecidos com os de minha mãe. Minha pele era escura, não tão escura quanto a de meu pai, mas ainda era mais escura do que a dos meus irmãos. Meu rosto e meu corpo eram como os deles. Então por que eu não me sentia como eles? Esse fantasma branco-preto perseguiu-me por um longo tempo e às vezes ainda persiste. Logo, a raça (ou melhor, a cor) sempre foi uma questão presente na minha casa. Em meio a tantas tensões e negações, eu me encontrei na pessoa que mais tinha e dava amor, vô João.

Ele começou a me contar histórias que ouviu de sua avó. Contou-me que meus antepassados cruzaram o oceano e chegaram à Bahia. Que meus pais e ele resolveram sair das terras dos brancos e ir morar em barracos que estavam praticamente abandonados. Já era hora de romper com o trabalho submisso que seus ancestrais executaram e que eles estavam reproduzindo. Contou-me sobre as poderosas rezas que ele e meu pai levavam na carteira e que, quando eu crescesse, levaria também. Disse que eu não deveria ter medo, pois a mãe dele e a sogra foram grandes macumbeiras e pediria a elas todos os dias que me protegessem. Foi nessas histórias que aprendi a amar, a ouvir e a refletir. A voz do meu avô ainda ecoa em meus pensamentos, e suas promessas e sonhos vivem dentro de mim. Essas histórias bastaram para aquele momento, e a cada dia eu me enxergava mais e mais na face e no coração daquele velhinho preto de barba branca.

O ritual que fazíamos de maneira inconsciente agia a cada dia completando (e abrindo outros) vazios que insistiam em manter-se em mim. Em todas as tardes, sentávamos na calçada e contemplávamos a lua. Às vezes fechava os olhos, deitava a cabeça no colo dele e ouvia com atenção a história do dia. Eram incríveis, principalmente as de África. Amava saber que meus ancestrais construíram pirâmides enormes, que existiam deuses e deusas da minha cor. Meu vô fez questão de me contar tudo que um dia ouvira sobre esse lugar. Ele repetia que precisava contar tudo, pois não sabia quais eram as

histórias de sua família. Então contava a de todos eles. Achava importante mantê-las vivas, mesmo não sendo diretamente dele. Eu, simplesmente, ignorava o momento em que ele ressaltava que não sabia, se aquela história era da nossa família. Vô não entendia que, em cada uma delas, tinha um pouquinho de nós e dos outros e, por isso, eu as contava como se as estórias fossem minhas.

Mas a terra que aparecia sempre nas histórias de vô era muito diferente das que aprendia na escola. Lembro-me que minha professora levou fotos de criancinhas desnutridas, crianças mamando no peito de sua mãe morta, crianças sendo comidas por urubus, crianças com a barriga enorme. Ela nos ensinou que era isso que existia em África. Nesse mesmo período, a novela "Xica da Silva" foi ao ar pela emissora Globo. Logo, meu apelido passou a ser Xica, pois eu e a personagem tínhamos os lábios, os cabelos e a cor iguais. Recordo-me de uma cena que me fez odiar Xica da Silva. Já no finalzinho da novela, ela se torna "branca". Naquele momento que olhava para a tela da tv, eu não a reconhecia. Era uma mulher negra com o rosto coberto de pó branco: minha mãe disse que era pó de arroz. Nesse momento, percebi que, mesmo usando as mesmas roupas que minha mãe usava e com uma tonelada de pó de arroz na face, eu jamais seria ela e que, também, não seria eu. Só depois percebi o quão nociva foi a versão racista sobre Xica da Silva.

Como disse no início, as histórias me ajudaram a conhecer outra terra imaginada, farta e boa para os seus filhos. Uma terra que talvez não me servisse mais, pois,

para além dela, eu tinha a terra do sertão, no lugar onde cresci arrancando parte do dedão do pé todas as vezes que corria para encontrar uma toca de tatu ou para pegar manga, seriguela e pinha. Também tinha minha casa, que alagava sempre que chovia. Para os adultos, era sinal ruim, sinal de preocupação. Para nós, as crianças, era o melhor dia. Antes de o sol nascer, estávamos a brincar andando e correndo pelas poças d'água e lama. Corríamos pela baixa e passávamos semanas pescando o que chamávamos de bolinha de peixinho, o que mais tarde aprendi que se tratava de sapos. Eu era uma menina da terra, que conhecia o seu cheiro e sabor, os seus frutos e bichos. Uma menina, que cultivava em si várias outras meninas. Todas atentas às histórias de um velhinho amado. Dentre todas as histórias de vô – boia que não me deixou afundar nesse grande Atlântico de vozes negras –, registrarei uma delas aqui.

Um dia, quando estava brincando na baixa, vi meu vô sentado na calçada da minha casa. Corri e pulei em seus braços já fracos e cansados. Não o deixei falar e me apressei a ir buscar a sacola de pregos que tinha juntado durante a semana. Os pregos eram para construir uma escada gigante que chegasse até a lua. Sem entender, lembro-me que, ao levantar minha cabeça para encará-lo, estava a escorrer lágrimas dos seus olhos. Hoje, prefiro pensar que era a ingenuidade de uma criança abrandando o coração pesado de um velho-preto. Os pregos eram personagens de uma história que ele tinha me contado dias antes. Tratava-se da "calada da noite".

Olhando para a lua, vô contou-me a história que ouvirá de sua vó, quando ele ainda era criança.

Um dia, um homem pobre estava perdido e não conseguia encontrar o caminho de casa. Era da Bahia e, fugindo de lá, ficou todo "baralhado" no mato. Quando escureceu, avistou a lua. Era noite de lua cheia, estava linda, brilhava tanto que ele não teve medo. Começou a andar e sentiu que a lua o acompanhava. Naquele momento, lembrou da velha história que sua vó contava. A história da lua que realizava três pedidos. Antes, achava que era "história para boi dormir", mas estava tão perdido que tinha que tentar. Precisava encontrar o caminho de casa, ou melhor, o caminho de volta. Logo, começou a cortar as árvores. Conseguiu muita madeira e muitas folhas de coco. Em mais ou menos um mês, fez uma escada gigante, quase infinita, que chegava até a lua. Esperou aflito a calada da noite pensando em vários desejos que podia fazer. Quando deu meia noite, levantou a escada, ela chegou bem pertinho da lua. Começou a chorar e nervoso subia cada degrau. Chegou à lua quando estava perto do amanhecer, mais ainda dava tempo de fazer os pedidos. Nesse momento, vô me contou as palavras que ele deveria dizer à lua antes do pedido, mas acabei me esquecendo delas.

Ao proferir as palavras, o homem pediu à lua que o levasse de volta à terra que pertenceu à sua família, que protegesse seu filho na Bahia e que, quando morresse, fosse dono da calada da noite. Queria ser o caminho de volta para seus irmãos pretos, quando estivessem perdidos,

assim como ele estava esse tempo todo naquela terra. A lua admirou aquele homem da escuridão. Era lindo, um guerreiro da noite. Então, concedeu-lhe seus três desejos. Com vontade de conversar mais com o guerreiro, pediu ao sol que demorasse mais um pouco para vir. Assim, aquela noite se duplicou, transformando-se em duas, e o homem da escuridão passou horas conversando com a lua, contando as histórias que ouviu ainda pequeno e conhecendo todos os caminhos da noite. Desde aquele dia, a lua prometeu-lhe que concederia três desejos a toda sua geração que conseguisse chegar até ela. O guerreiro encontrou seu caminho de volta para casa e, quando morreu, transformou-se na calada da noite. Agora guia os seus pelas matas. Desvia as balas na escuridão do morro e ilumina o caminho das encruzilhadas da vida. Muitos dizem que ele mora na lua, por isso age à noite refazendo o caminho e as moradas dos nossos.

Ouvi de vó que nossa família pertencia à geração do guerreiro da noite. Sua Bisavó, macumbeira, tinha a proteção do guerreiro, suas duas rezas mais poderosas foram dadas por ele. Era a reza do retorno e a reza que os protegia das balas. Um dia, quando eu crescesse, poderia pegar essas rezas e guardá-las na carteira, assim sempre encontraria o caminho de volta (Kemet) e estaria protegida dos perigos da noite. Quando parei de olhar a lua e desviei meu olhar para vô, vi o seu rosto coberto de lágrimas. Naquele momento, decidi que construiria uma escada com ele e faria os meus três pedidos. Nesse dia, ele me deu um lápis de pedreiro que tenho até hoje. Não

conseguimos fazer a escada. Ele partiu bem depois desse dia e dessa história. Continuo aqui a insistir nas memórias que partilhou comigo e no amor que me ensinou.

Essas palavras são memórias inscritas no corpo e na terra que se aglomeram dentro de cada negro(a) diasporizado(a). São as vozes de uma menina negra, que buscou, na história e na literatura, a cura para sua alma, a compreensão para um mundo que não é somente ódio, da mesma forma que não é apenas amor. Sim, eu, uma garotinha na busca por novas cores na tarefa de aprender a amar aquilo que odiou nessa luta que se faz permanente na sua alma.

POSFÁCIO

Griot e suas magias: experiências sobre a contação de histórias da minha infância

João Paulo Pinto Có

(Guiné-Bissau)[1]

O ato de contar histórias e estórias é uma prática comum em toda a África abaixo do Deserto do Sahara. O ofício de contação é uma função encarregue normalmente por mais velhos e mais experientes e acontece geralmente à noite num círculo formado por pessoas de idades diferentes.

Segundo os nossos pais, tios e avôs, a prática de reunir pessoas para transmitir sabedoria e conhecimento acontece há centenas de anos e é uma tradição que

1 Antropólogo e Historiador, Investigador do INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa da Guiné-Bissau.

passa de geração para geração em todas as tradições e etnias subsaarianas.

J. Vansina (2010) afirma que nas tradições e culturas africanas, todo o ato discursivo é carregado de oralidade e a fala, além de ser um importante meio de comunicação do dia-a-dia, é também um depositário de tudo aquilo que ancestralidade produziu e guardou. Mesmo hoje em dia, apesar de a escrita ter ganhado força e estar a perpetuar mensagens e histórias importantes de várias maneiras, em diversas sociedades da África, principalmente na região Oeste, a tradição oral continua a desempenhar um papel importantíssimo na difusão de saberes tradicionais e a ajudar a preservar a memória coletiva dos povos.

Na tradição oral, durante o ato de narrar, declamar, recitar, ou até falar da genealogia de um clã ou indivíduo, o Griot pode, em certa altura interromper a ação ou ser interrompido por razões diversas: erro, imprecisão, etc. Aliás, o indivíduo pode ser advertido por outro quando este estiver a dar com a língua nos dentes.

O ato de contar a história a noite, conhecido também como Djumbai, consiste num convívio intergeracional onde a interação entre seres humanos, insetos, árvores, pássaros, peixes, iran, azar, sorte, alegria, pranto se entrecruzam. Ali tudo ganha vida e tudo é "humanizado". A história em crioulo traduzida para o português aqui transcrita é resultado das recolhas feitas por estudiosos Teresa Montenegro e Carlos de Morais nos finais da década de 1970, na Guiné-Bissau. A estória abaixo foi também por nós escutada várias vezes das vozes dos mais velhos na

nossa infância durante as noites, principalmente, de lua cheia e também durante o dia entre nós, nos djumbais da aldeia, da escola, etc.

Kriol

"Ka bu papia ku ningin

Badjudas sai e bai fidi djindjirba.

E bai, e ka konta se gintis na kasa. E tchiga, e fididu djindjirba tudu i kaba, e sai. Na kau di fidi djindjirba e faladu:

- An! Ali bo na bai. Ali bo na bai, ma n ka misti pa bo bai papia ku ninguin tok ke bo tchiga na kasa.

Badjudas tudu obi palabra ke e na faladu.

E rabida e pega kaminhu.

E bai tchiga na un fonti bonitu, iagu na lagua. E dispi tudu, e ditanda ropa, e laba kurpu.

E laba kurpu, e laba, e laba, e laba kurpu…

Didime pastru staba tambi riba d ipo.

Kil pastru gora, i misti sibi ke ku na passa metadi di kil badjudas.

I lambu se ropa tudu, i bai sibi riba d ipo i sinta.

Otcha badjudas laba kurpu sin tudu, e bai tomapa ropa, e ka odja se ropa. E djubi son, e odja ropa riba d ipo. E misti pidi ropa, e ka pudi pabia na kau di fidi djindjirba e faladu: Ka bo papia ku ningin.

E rabida djanan, e na kanta mudu:

Fano fandan na fano dina

Fano fandan na fano dina

Ndjerka, ndjerka na fano dina

Eé!... na fano dina
Eé!... na fano dina
E kala.
Pastru ku na sukundi na po, i ka seta da elis ropa de. I fala:
- Nau. Si bo ka kanta risu aos, bo ka na toma panu.
Fano fandan na fano dina
Fano fandan na fano dina
Purmeru inda propi e kunsa inda mudu. E ta kanta ku boka fitchadu. Ma otcha dja ke e bin fika, e abri boka tok e bin bida djanan e na kanta risu.

Fano fandan na fano dina
Fano fandan na fano dina
Ndjerka, ndjerka na fano dina
Eé!... na fano dina
Eé!... na fano dina
Ma i tem un son, kila nega kanta.
Konformu e na kanta, sin ku utru ta kai i murri. Oki kanta, utru ta kai, i murri. Oki i kanta, utru ta kai i murri.
Kil un son, ultimu ku fika. El i ka seta, sin ke i fika i na kanta djanan, son mudu. Sin ke i fika i na kanta… muuudu. I na kanta… muuudu.
Pastru nega manda ropa. Badjuda na fika tok i kansa.
I bin passa un mindjer, i odja kuma kila foronta, i tira panu i dal.
Badjuda bisti konosabasinhu, i rabida i na kanta gora na kaminhu p abai:
Fano fandan na fano dina
Fano fandan na fano dina
Ndjerka, ndjerka na fano dina

Eé!... na fano dina
Eé!... na fano dina
Tok i bin bai entra na kau di si mame ku si pape, e puntal:
- Anton bu kumpanher?
I ka pudi konta, pabia i mudu djanan. Kau ke i sinta nel, sin ke i ta fika sons in.
El i bin bin, i tchiga son, i dita djanan ku kil karga di febri, i fika i ka papia te dia di aos."

Português

"Não digam nada a ninguém

Umas raparigas combinam ir fender as gengivas sem dizer nada em casa.
Chegam, fazem a tatuagem e saem. À saída advertem-nas:
- Podeis seguir mas não faleis com ninguém até chegardes a casa.
As raparigas ouvem a recomendação e metem-se ao caminho.
No regresso passam por uma fonte onde a água forma uma linda lagoa. Despem-se, põem a roupa a um canto e vão tomar banho. Entraram na água, tomaram banho e ficaram a brincar na água.
Um pássaro, que entretanto tinha pousado no cimo de uma árvore, quis saber o que é que se passava com aquelas raparigas que não falavam. Resolveu agarrar nas roupas, levou-as para cima da árvore e ficou à espera.
Quando as raparigas saíram da água não viram a roupa. De repente descobrem a roupa no cimo da árvore. Querem pedir a roupa mas não podem porque no local de fender as gengivas tinham-lhes recomendado: Não falem com ninguém.

Sem despegarem os lábios, reúnem-se e entoam em coro:
Fano fandan na fano dina
Fano fandan na fano dina
Ndjerka, ndjerka na fano dina
Eé!... Na fano dina
Eé!... Na fano dina
Acabam e ficam à espera.
Mas o pássaro não lhes quer dar a roupa e diz mesmo:
- Não. Se não cantarem bem alto não levam os panos.
Fano fandan na fano dina
Fano fandan na fano dina…
As raparigas voltam a cantar. A princípio ainda entoam, mas perante a negativa do pássaro vão abrindo a boca a pouco e pouco e acabam a cantar já em voz alta:
Fano fandan na fano dina
Fano fandan na fano dina
Ndjerka, ndjerka na fano dina
Eé!... Na fano dina
Eé!... Na fano dina
Apenas uma fez questão de não abrir a boca. As outras iam caindo à medida que acabavam de cantar e iam morrendo uma após a outra. Só essa ficou porque esteve sempre calada enquanto as outras cantavam.
E o pássaro não lhe devolveu a roupa. A rapariga ali ficou à espera.
Aconteceu passar por ali uma mulher que, vendo aquilo, tirou um pano e deu-lho.
A rapariga pôs o pano e encaminhou-se para casa a cantar:
Fano fandan na fano dina
Fano fandan na fano dina

Ndjerka, ndjerka na fano dina
Eé!... Na fano dina
Eé!... Na fano dina

Ao chegar a casa os pais perguntaram-lhe:

– Então, as tuas amigas?

Já não pôde contar nada porque emudeceu nesse preciso momento. No sítio em que se sentou, ali ficou. Tomada de grande febre, foi para a cama logo mas nunca mais falou até ao dia de hoje."

Hampate Bâ, na sua reconhecida obra "A Tradição Viva", publicada pela UNESCO em 2010, afirma que as sociedades africanas estão carregadas de cosmogonia. Por isso mesmo, a violação das leis sagradas pode causar um desequilíbrio emocional ou social e até provocar a morte civil do sujeito transgressor das regras preestabelecidas.

Na Guiné-Bissau, apesar de outras formas de convívio estarem a ganhar força (discotecas, webchats, bancadas), o espaço tradicional Djumbai, ainda é a principal forma de transmissão de saberes tradicionais.

Nesse espaço os anciões gozam de um privilégio sagrado. São eles os sábios e únicos detentores do saber e também guardiões da palavra e sua sacralidade.

Conforme Pinto Có (2009), nas sociedades africanas, quando um indivíduo passa pelo ritual de iniciação, que consiste em ensinamentos tradicionais e mutilação/escarificação, ganha o status social de ancião – Homem Grande, mas passa também pendurar na sua alma a responsabilidade sã de transmitir tudo aquilo que aprendeu aos novos iniciados e ainda ajudar a moralizar a sociedade.

A Palavra nas tradições subsaarianas possui um caráter sagrado, originado de Maa Ngala (Deus Supremo). Neste sentido, nem todos os indivíduos têm a autorização para debruçar acerca de determinados assuntos ou até cantar, sob pena de retaliações divino-espirituais.

gráfica e editora
CAULE DE PAPIRO®

Composto na
CAULE DE PAPIRO GRÁFICA E EDITORA
Rua Serra do Mel, 7989, Cidade Satélite
Pitimbu | Natal/RN | (84) 3218 4626

cauledepapiro.com.br

UFRN
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

editora
CAULE DE PAPIRO®

ISBN 978-65-5477-017-0